



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Artes e Letras

A festa do fogo: Uma Análise das Fallas em Valência

Leonardo Nascimento Gomes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos de Cultura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof^a. Doutor Nuno Amaral Jerónimo

Covilhã, setembro de 2019

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

Agradecimentos

Enfim concluída mais uma etapa da minha vida. Esta ida a Europa, que não foi nem um pouco fácil no início, mas que ficou maravilhosa no final, acabou se tornando um desafio e, portanto, não poderia deixar de expressar o meu agradecimento a todos aqueles que me apoiaram e estiveram junto comigo na concretização deste trabalho. Assim, agradeço:

Ao Professor Nuno Amaral Jerónimo, orientador científico desta dissertação pela disponibilidade e orientações mesmo com a distância.

A minha família, principalmente minha mãe, Maria do Perpétuo Socorro Nascimento, pela firme e fundamental motivação e pela oportunidade que me proporcionou.

A todos meus amigos, que sempre me motivaram, auxiliaram e aguentaram escutar. Em especial aos meus companheiros de mestrado, Murilo Soares, por toda a ajuda no início e Henrique Barum, por toda a ajuda no final.

A Casa do Brasil Valência, pela oportunidade de trabalhar com pessoas queridas durante minha estadia em Valência, em especial a Aline Navarro.

Índice

Agradecimentos	iii
Índice	iv
Lista de figuras	v
Resumo	viii
Abstract	ix
Introdução	10
1. Tema	10
2. Objetivo Geral	11
3. Objetivos Específicos	11
4. Procedimentos metodológicos	11
I. Conceitos e abordagens: Cultura, Cultura Popular e Festas Populares	13
1. Cultura	13
2. Cultura Popular	19
3. Festa Popular	26
II. Espacialização e história de Valência das Fallas	28
1. A cidade de Valência	28
1.1. Breve história de Valência	31
2. Breve história das Fallas	37
2.1 A origem da festa e a importância do fogo	37
2.2 Primeiras Fallas	43
2.3 Falla Artística	46
2.4 Falla Turística	49
2.5 Falla do Franquismo	52
2.6 Falla da Democracia	59
IV. As Fallas Atuais	61
1. Programação das Fallas	62
1.1. Crida	63
1.2. Mascletà	66
1.3. Plantà	71
1.4. Oferenda de Flores	74
1.5. Cremà	78

2. Comissão Fallera, símbolos e sociabilidade	82
3. Formulários	88
Conclusões	98
Referências	103
Anexos	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Traje tradicional fallera valenciana	25
Figura 2 – Mapa Província de Valência	28
Figura 3 – Mapa Distritos de Valência	29
Figura 4 – Moeda de Valentia	32
Figura 5 – Muralha muçulmana	33
Figura 6 – Marcas do bombardeio das tropas Napoleônicas na Torre de Quart	35
Figura 7 – Festividade <i>bou embolat</i> proibido em Valência desde 2016	39
Figura 8 – Evolução do Parot	41
Figura 9 – Primeiro documento que menciona as Fallas (1874)	42
Figura 10 – Primeiro llibret fallero (1855)	45
Figura 11 – Falla de la calle Maldonado, foto Derrey (1889)	46
Figura 12 – Primeira Falla Premiada pela Prefeitura (1901)	47
Figura 13 – Chegada do primeiro Trem Fallero (1927)	49
Figura 14 – A beleza fallera Angeles Algarra (1931)	50
Figura 15 – Casal Fallero Pascual Garcia	54
Figura 16 – Colosso de Rodes: Falla de la Plaza del Caudillo (1971)	58
Figura 17 – Torre de Babel: Falla de la Plaza del Caudillo (1977)	60
Figura 18 – A Crida	64
Figura 19 – Mascletà	66
Figura 20 – Crianças e suas caixas de explosivos	70
Figura 21 – Falla del Pilar	71
Figura 22 – Representação da Virgem dos Desamparados	75
Figura 23 – Oferenda de Flores	76
Figura 24 – Cabalgata del Fuego	79
Figura 25 – Cremà	81
Figura 26 – Interior de um Casal Fallero	84
Figura 27 – Indumentária fallera	85
Figura 28 – Relação faixa etária e gênero dos valencianos	88
Figura 29 – O que são as Fallas	89
Figura 30 – Símbolo que melhor representa o valenciano	90
Figura 31 – Relação entre a conduta nas Fallas e ato preferido	91

Figura 32 – Motivo para queimar as Fallas	91
Figura 33 – Qualidade da festa: passado e presente	92
Figura 34 – Ponto negativo da festa	93
Figura 35 – Receptividade a visitantes	94
Figura 36 – Relação gênero idade turistas	94
Figura 37 – Tempo de permanência	95
Figura 38 – Preferência de atos para os turistas	96
Figura 39 – Experiência dos turistas na festa	97

RESUMO

As Fallas é uma festa popular celebrada há mais de dois séculos na cidade de Valência na Espanha. Durante a festividade, que ocorre entre os dias 14 e 19 de março, há inúmeros atos artísticos/culturais que vão da música à literatura, da gastronomia à pirotecnia, dos trajes típicos ao fogo. Aproximadamente 800 monumentos artísticos de caráter crítico/satírico são plantados nas esquinas e praças da cidade e após quatro dias intensos, são postos ao fogo. Uma festa tradicional que a partir do esforço de milhares de cidadãos valencianos, divididos em comissões, enchem as ruas da cidade com alegria, arte e barulho, muito barulho. A festa simboliza a entrada da primavera, homenageia o seu padroeiro São José e desde 2016 está na lista da UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A partir de três formas de pesquisa, bibliográfica, de campo e formulários, conclui-se que as Fallas são de suma importância para a memória e identidade valenciana, pois engloba diversos aspectos da identidade local, tornando-se uma reprodutora da identidade coletiva, na qual é preciso ser salvaguardada mantendo em equilíbrio a balança entre a tradição e a inovação.

Palavras chave:

Fallas; Cultura Popular; Festa popular; identidade; Valência.

Abstract

The Fallas is a popular celebration held in the city of València, Spain, for over two centuries. During the festivities, which take place between March 14 and 19, there are numerous artistic / cultural acts ranging from music to literature, gastronomy to pyrotechnics, typical costumes to fire. Approximately 800 critical / satirical artistic monuments are placed on the city's corners and squares and after four intense days are set on fire. A traditional festival that, from the efforts of thousands of Valencian citizens, divided into commissions, fill the city streets with joy, art and noise, a lot of noise. The party symbolizes the entrance of spring, honors its patron Saint St. Joseph and since 2016 has been on the UNESCO list as Intangible Cultural Heritage of Humanity.

Using three types of research - bibliographic, field and forms -, it is concluded that the Fallas are of great importance for Valencian memory and identity, as it embraces several aspects of local identity, becoming a reproducer of the collective identity in the region, which must be safeguarded, keeping in balance tradition and innovation.

Keywords: Fallas; Popular Culture; Tradicional celebration; identity; Valencia

Introdução

1. TEMA

Ao chegar na cidade de Valência, situada na costa mediterrânea espanhola, no leste do país, é comum escutar sobre uma grande festa, na qual monumentos gigantescos são plantados nas ruas e praças e que num certo dia são todos postos ao fogo. No mês de março, a cidade enche de turistas (nacionais e internacionais) e transforma o cotidiano dos moradores locais. Uma festa popular que desde 2016 é considerada pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. As Fallas, como é chamada, é comemorada oficialmente entre os dias 15 e 19 de março, como uma festa em homenagem a São José, padroeiro de Valência, e enche de orgulho toda a Comunidade Valenciana.

A partir desta constatação de orgulho e sentimento de pertença da comunidade com uma festa popular, este trabalho trata a respeito do entendimento dos atos, personagens, símbolos e importância das Fallas.

A escolha do tema ocorreu após o início de um estágio realizado na Casa de Cultura Brasileira na cidade de Valência, na Espanha. Em pouco tempo em solos valencianos, percebe-se a importância cultural das Fallas para a cidade e para os seus cidadãos. A festa popular, além do título da UNESCO, é considerada um Evento de interesse turístico internacional na Espanha e em uma simples conversa com um valenciano são questões de minutos para o assunto chegar, “você precisa ver como isso fica nas Fallas, é lindo” ou “Você precisa ver como isso fica nas Fallas, é um caos”.

Valência é a terceira maior cidade da Espanha atrás somente de Madrid e Barcelona, e segundo seu próprio governo, o caráter extrovertido, alegre e otimista dos seus cidadãos manifesta-se em festas, religiosas e profanas, que são celebradas principalmente na rua e em que rito, sagacidade, pólvora, música e fogo são misturados, sendo assim uma cidade amante das festas e dos encontros em grupo.

A cidade possui um vasto calendário festivo, onde se destacam a Semana Santa Marinera, la Virgen de los Desamparados, o Corpus Christi, a Feria de Julio, o 9 d’Octubre e a principal, as Fallas. A festa Fallas é motivo de orgulho para os valencianos, um dos motivos é a sua internalização na sociedade valenciana como parte de sua identidade, sendo reconhecido como uma marca registrada de Valência e da Comunidade

Valenciana em geral, dada a sua fama nacional e internacional. Pelo fato de ser uma festa com tradições locais e também por ter sido reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO no ano de 2016, ela foi escolhida como objeto de estudo desse trabalho sobre Festas Populares.

2. OBJETIVO GERAL

O atual trabalho tem como objetivo geral analisar e entender as Fallas, compreendendo seus principais elementos e a sua importância para a cidade de Valência.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Foram elaborados quatro objetivos específicos: a) Apresentar o conceito de Cultura, Cultura Popular e Festas Populares; b) Apresentar o histórico da cidade de Valência e das Fallas; c) Entender, a partir da pesquisa de campo durante a festa, a respeito dos atos, personagens, papel das comissões, sociabilidade, relação com os moradores e turistas, impactos positivos e negativos do evento; e d) analisar através de formulários como os valencianos e os turistas entendem a festa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar a pesquisa foi utilizado o método qualitativo com enfoque exploratório, sem que fosse desprezado os dados numéricos obtidos através de pesquisas e formulários. Os procedimentos foram: a pesquisa bibliográfica, a partir de textos e artigos relacionados com cultura, cultura popular, festas populares e Fallas; a pesquisa de campo em que o autor analisa pessoalmente a festa estudada realizando conversas informais e a análise de formulários. Assim, a preocupação do trabalho foi analisar e entender as Fallas, compreendendo seus principais elementos e importância para a cidade de Valência.

O método da abordagem qualitativa foi escolhido por trazer uma melhor compreensão da festa estudada, com suas nuances e individualidades, de forma a trazer uma profundidade maior ao trabalho. O enfoque exploratório se dá pelo fato de não haver

no momento muito conhecimento científico a respeito do tema, para isso, foi preciso além do referencial bibliográfico, estudar a realidade na prática.

Foi realizado a pesquisa bibliográfica sobre conceitos imprescindíveis ao tema, como o que é cultura, cultura popular, festas populares entre outros; além disso sobre a origem e história da cidade de Valência e da própria Fallas. A pesquisa de campo, onde houve a participação em todos os festejos falleros (utilizando o conceito de Ariño 1990 como um grupo de atos organizados em sequência e que se polarizam em torno do objeto celebrado), conversas informais com participantes da festa e realização de formulários com moradores e turistas.

Foi decidido dividir o formulário em dois, um para os valencianos e outro para os turistas. Ambos foram realizados fisicamente. Para os valencianos, o formulário foi aplicado um mês antes da festa, para não ocorrer uma distorção dos dados, principalmente pelos problemas de trânsito, barulho e lotação. Foram cem valencianos que responderam às perguntas, todas de múltipla escolha, algumas idênticas utilizadas por Ariño (1990) no seu livro *História de las Fallas* e outras próprias. Para os turistas, também foram cem, no entanto, foi realizado durante a festa e somente com perguntas próprias, mesclando de múltipla escolha e preenchimento.

Foram realizados registros fotográficos e filmagens durante a festa, para análise do ritual e seus símbolos e para a realização de uma Exposição denominada Fallas: a festa do fogo realizada durante o mês de agosto de 2019 no espaço cultural Galpão Ladeira das Artes na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

O trabalho está dividido em três partes. No primeiro capítulo serão abordados temas essenciais para a compreensão da discussão, como Cultura, Cultura popular e Festas populares. O segundo capítulo discorre sobre a espacialidade e história da cidade de Valência e das Fallas. O terceiro capítulo aborda as Fallas atualmente, a partir da mescla entre análises bibliográficas, relatos e formulários obtidos na pesquisa de campo, realizada através de uma observação participante durante todos os dias de evento

I. CONCEITOS E ABORDAGENS: CULTURA, CULTURA POPULAR E FESTAS POPULARES

Este primeiro capítulo possui referências conceituais sobre os assuntos que serão aprofundados posteriormente para o entendimento do leitor. Iniciamos abordando o termo Cultura e seus inúmeros significados e interpretações. Seguindo para o objeto do estudo que é a Cultura Popular, mais especificadamente, as Festas Populares, contando sua história, importância, exemplos pelo mundo e a sua representatividade como Patrimônio Imaterial.

1. CULTURA

Para entender melhor a relação que a festa popular Fallas possui com a cidade de Valência é necessário compreender alguns termos essenciais. Festa popular, que discutiremos adiante, é uma das manifestações da dita Cultura Popular, junto com danças, músicas, literatura, artes, entre outros. Mas o que seria essa Cultura Popular? Adianto que esse é um termo muito difícil de se definir pois aqui entramos em mais uma questão, que é a problematização de definir o que é a cultura.

O termo deriva do latim que significa cultivar-se, poderia ser entendido como um cultivo a si próprio, um cultivo da mente (Manuel Antunes, 2007). No final do século XVIII e no princípio do século seguinte a palavra germânica “Kultur” era utilizada para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade (Laraia, 1986). Por essa questão, a palavra cultura é comumente vinculada ao erudito, ao culto. Nesse período o termo tendia a se referir a arte, literatura e a música (Peter Burke, 2014). Manuel Antunes (2007) aborda essa noção de cultura como sendo a Cultura Humanística, uma noção de cultura como capacidade de liberdade e de se elevar acima do comum (poesias, arte, criação). Uma noção que destaca a importância do indivíduo, da criatividade e da potencialidade intelectual, moral e corporal de cada um. Era possível dessa maneira ter

ou não cultura, era uma propriedade de uma minoria, como descreve Zigmunt Bauman(2012):

“[...] a noção de cultura como capacidade de resistir a norma e de se elevar acima do comum – poiesis, arte, criação, ab nihilo à semelhança de Deus. Significava aquilo que presumivelmente distinguia os espíritos mais ousados, menos submissos e conformistas: irreverência em relação à tradição, coragem de romper horizontes bem delineados, ultrapassar fronteiras bem-guardadas e revelar novas trilhas. Assim, era possível possuir ou não a cultura; e assim estava destinada a continuar. Para o resto da humanidade, ela vinha, na melhor das hipóteses, sob a forma de um presente: sedimentava ‘obras de arte’, objetos tangíveis que podiam ser adquiridos ou, pelo menos compreendidos para ser apreciados por outros seres, não criativos. Esforços para aprender como estimar os produtos da alta cultura não tornariam esses seres criativos – eles continuariam, tal como antes, recipientes mais ou menos passivos (espectadores, ouvintes, leitores). Mas ao ganhar de forma oblíqua uma compreensão do mundo arcano da alta cultura, os membros da maioria não criativa se tornariam, não obstante, ‘pessoas melhores’ – passando por um processo de elevação, intensificação e enobrecimento espirituais”. (BAUMAN, 2012, p.22)

No entanto atualmente a abordagem da cultura segue uma linha mais antropológica ou histórica, de forma a dar ao termo um significado muito mais amplo, podendo abranger quase tudo o que se pode ser aprendido em determinada sociedade (Burke, 2014). Nesse sentido, existem culturas no plural, como cultura portuguesa, cultura brasileira, cultura oriental. O termo é vinculado a um grupo, dando valor a coletividade em oposição a individualidade. A cultura representa regularidade e padrão, um sistema coerente de pressões apoiadas por sanções, valores e normas interiorizadas. Todos possuem cultura na abordagem antropológica.

No entanto ainda não existe um consenso nas Ciências Sociais como um todo sobre o que é Cultura. Em 1952, os antropólogos Kroeber e Kluckhohn analisaram 162 diferentes definições de cultura e concluíram que não haveria definição que contemplassem todos os estudiosos. Contudo algumas definições se tornaram clássicas, como por exemplo, a pioneira nesse contexto antropológico, de Edward Tylor (1858-1949) que definiu cultura sendo “em seu amplo sentido etnográfico, este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor, 1871. p.1). Assim, “com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por

mecanismos biológicos. ” (Laraia, 1986, p.25). Dessa maneira defendeu um conceito de cultura diferenciando totalmente de uma transmissão genética, afastando o natural do cultural.

Tylor acreditava em um evolucionismo social, na qual as sociedades eram comparadas e postas em escalas, tendo no extremo mais elevado a cultura ocidental europeia e no extremo mais baixo as “tribos selvagens”. Dessa forma gradualmente uma sociedade “primitiva” poderia “evoluir” com o passar do tempo e atingir escalas mais avançadas. Uma visão etnocêntrica influenciada pelo impacto evolucionista que a Europa estava sofrendo do clássico de Charles Darwin “A origem das espécies”. Franz Boas (1858-1949), foi um dos principais críticos ao método comparativo/evolucionista proposto por Tylor e propôs a mudança do método comparativo simples e puro por um método que analisasse cada cultura de acordo com a sua particularidade histórica. Dessa maneira era possível descobrir a origem de um traço cultural e interpretar o seu lugar num conjunto sociocultural (Laraia, 1986).

Boas é considerado o pai da antropologia americana e moderna, ele entende que “as culturas são formadas por traços e complexos de traços que são o produto de condições ambientais, fatores psicológicos e conexões históricas. A Cultura, segundo Boas, é pensada como particularidade, totalidade integrada e harmônica que sustenta a coesão social” (Gonçalves, 2010, p.64). Gonçalves continua quando diz que para Boas e seus discípulos “os comportamentos individuais são moldados de acordo com a cultura. Nesse sentido, os hábitos sociais de um determinado grupo refletem os traços culturais constitutivas da cultura do referido grupo”(Gonçalves, 2010, p.65). Percebe-se que a abordagem do conceito “cultura” foi de um certo modo similar, ambos abordam a questão social da cultura. Porém, na definição realizada por Boas há a inclusão do indivíduo, na qual não existia anteriormente na de Tylor.

Para o antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942), o ser humano tem um corpo sujeito a várias necessidades orgânicas e a cultura surge como uma resposta a essa debilidade. Cada cultura precisa satisfazer sobretudo essas necessidades orgânicas (nutritivas, reprodutivas higiênicas, etc). Quando o homem começa a satisfazer essas necessidades, começa a ser mais exigente. As necessidades humanas geram novas necessidades, de modo a que os utensílios utilizados precisam ser refinados e a capacidade de organização precisa ser maior. Para o autor a ideia de organização era

muito importante. A análise que Malinowski faz da cultura é simultaneamente funcional e estrutural.

“A análise apenas esboçada, na qual tentamos definir a relação entre uma realidade cultural e uma necessidade humana, básica ou derivada, pode ser denominada funcional. Pois função não pode ser definida de nenhuma outra maneira senão como a satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem bens. Não obstante, esta mesma definição implica outro princípio com o qual podemos concretamente integrar qualquer fase de comportamento cultural. O conceito essencial, no caso, é o de organização. A fim de realizar qualquer objetivo, atingir qualquer fim, os seres humanos têm de se organizar. [...] A organização implica um esquema ou estrutura muito definido, do qual os principais fatores são universais, porquanto são aplicáveis a todos os grupos organizados, os quais, por sua vez, na sua forma típica, são universais para toda a espécie humana. ” (Malinowski, 1970, p. 44-45)

Malinowski contribuiu bastante para o estudo das civilizações e culturas ao introduzir a ideia de que para estudar e entender uma cultura era preciso vivenciá-la. Essa vivência se dava através do trabalho de campo etnográfico. Era preciso para Malinowski a mescla do saber teórico com o poder de observação.

“É neste ponto que as pretensões da Antropologia podiam ser aceitas. Este estudo, por vários motivos, teve de convergir para o tema central do vasto campo dos estudos humanistas, ou seja, a cultura. Além disso, a Antropologia, especialmente em seus modernos aspectos, tem a seu crédito o fato de que a maioria dos que a ela se dedicam são obrigados ao trabalho de campo etnográfico, ou seja, um tipo empírico de pesquisa. A Antropologia foi talvez a primeira de todas as Ciências Sociais a criar o seu laboratório, lado a lado com a sua oficina teórica. O etnólogo estuda as realidades da cultura sob a maior variedade de condições ambientes, raciais e psicológicas. Ele deve ser ao mesmo tempo perito na arte de observação, isto é, no trabalho de campo etnológico e na teoria da cultura. Em seu trabalho de campo e na sua análise comparativa da cultura, aprendeu que nenhum desses dois objetivos tem qualquer valor a menos que sejam executados conjuntamente. Observar significa selecionar, classificar, isolar com base na teoria. Elaborar uma teoria é resumir a relevância de observações passadas e prever a confirmação ou refutação empírica dos problemas teóricos apresentados. ” (Malinowski, 1970, p.21)

Na ideia de Malinowski era preciso relativizar e olhar o outro com os olhos do outro e não com os “olhos” de um europeu. Era preciso imergir nas atividades cotidianas daquela população estudada e fazer parte dela enquanto estivesse presente. Através dessa vivência era possível entender o outro.

“ No meu passeio matinal pela aldeia, podia observar detalhes íntimos da vida familiar – os nativos fazendo sua toalete, cozinhando, comendo; podia observar os preparativos para os trabalhos do dia, as pessoas saindo para realizar suas tarefas. [...] O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam mais admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. ” (Malinowski, 1984, p.25-28)

Clifford Geertz (1926-2006), um dos antropólogos contemporâneos de maior expressão era adepto da antropologia interpretativa, acreditava que o conceito de cultura é semiótico/simbólico, como sistemas entrelaçados de signos (símbolos) interpretáveis, dentro de um contexto e descritos de maneira densa.

“O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. ” (Geertz, 1978, p.4)

Assim como Malinowski, era adepto a pesquisa de campo etnográfica, no entanto, acreditava que o etnógrafo precisava mais do que descrever, era necessário interpretar, realizando assim uma descrição densa.

“ Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’. [...] Se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, então a questão determinante para qualquer exemplo dado, seja um diário de campo sarcástico ou uma monografia alentada do tipo Malinowski, é se ela separa as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas.” (Geertz, 1978, p.4-12)

Zigmunt Bauman, acredita que é atualmente não é a visão antropológica que perpetua e que não é possível enxergar o termo cultura sem conciliar as noções de humanística e antropológica. Essa visão ambígua do termo é chamada por ele de ambivalência da cultura. Para o autor hoje a teorização do termo cultura é enfrentar o paradoxo da ambivalência de habilitar/desabilitar, de liberdade/ restrição, inovação/tradição. Como podemos perceber nesse trecho retirado do seu livro Ensaio sobre o conceito de Cultura.

“A ambiguidade que importa, a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o habitat humano como o ‘mundo da cultura’, é entre ‘criatividade’ e ‘regulação normativa’. As duas ideias não poderiam ser mais distintas, mas ambas estão presentes – e devem continuar- na ideia compósita de ‘cultura’, que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcende-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível. ” (Bauman, 2012, p.18)

Dessa maneira, Bauman (2012) enxerga a cultura como um agente de ordem, mas também de desordem, e que acaba por se “autoperpetuar” na medida em que se torna viável a sua alteração/modificação. Deste modo “ o paradoxo da cultura pode ser assim reformulado: o que que sirva para a preservação de um padrão também enfraquece o seu poder” (Bauman ,2012, p.28)

É possível perceber, a partir de apenas alguns exemplos, que a definição do que é cultura é algo difícil de ser posto em um conceito que agrade a todos. A definição muda dependendo do enfoque do autor, de forma a ter múltiplos sentidos e abordagens. No entanto a partir desses pensamentos podemos entender alguns pontos importantes, como por exemplo que a cultura não é uma herança genética. Não é possível partir de um pretexto de determinismo biológico para explicar as diferentes culturas no mundo. Aliás esse determinismo biológico é prejudicial pois resulta em estereótipos, preconceitos e racismo. Peguemos por exemplo uma criança nascida no Brasil e que é adotada nos seus primeiros anos a uma família japonesa. Essa criança irá falar fluentemente o idioma local, terá os costumes e valores da comunidade e viverá como um japonês. Dessa maneira é possível entender que a cultura é adquirida, aprendida e também acumulativa. No entanto a cultura não é estática, ela é dinâmica. O ser humano é capaz de criar, inventar, alterar, sendo assim simultaneamente produto e produtor de cultura. (Geertz, 1978).

2. CULTURA POPULAR

A Cultura também pode ser dividida em três concepções, Cultura Erudita (alta cultura, grande tradição), Cultura Popular (baixa cultura, pequena tradição) e Cultura de Massas. Entendo que denominar de alta/baixa, grande/pequena tradição, se trata de uma perpetuação de termos etnocêntricos pois enxergam a cultura de maneira hierárquica, pressupondo que uma cultura está em um patamar mais elevado que a outra (alta, baixa, grande, pequena), de forma a lembrar os antigos antropólogos evolucionistas. Acreditando que não exista uma cultura superior a outra, nesse trabalho opto por abordar o termo Cultura Erudita, na qual seria a cultura institucionalizada pelas elites econômicas europeias e a Cultura Popular, que nos aprofundaremos adiante.

A Cultura Popular e a Cultura Erudita são postas como antagônicas, uma do povo outra da elite, no entanto elas se comunicam entre si, elas se relacionam, como Cavalcanti (2008) expõe:

“Não há também fronteiras rígidas entre a cultura popular e a cultura erudita: elas se comunicam permanentemente. O compositor erudito Heitor Villa Lobos reelaborou musicalmente cantigas de ninar tradicionais. Muito frequentemente, o enredo do desfile carnavalesco de uma escola de samba elabora numa outra linguagem temas eruditos. “ (Cavalcanti, 2008, p.24)

Segundo o Dicionário Aurélio de língua portuguesa a palavra popular significa: Homem do povo. Relativo ou pertencente ao povo. Que é usado ou comum entre o povo. Que é do agrado do povo. Vulgar, notório. Democrático. O povo. Fica evidente a relação da palavra com “Povo”. Mas o que seria o povo? Segundo Assis (2008):

“O termo “povo” possui várias concepções, pois pode estar relacionado a concepções ideológicas, políticas, sociais e econômicas. Assim, no âmbito das Ciências Sociais, existe um grande debate acerca do quem pode ser incluído na categoria povo. Por exemplo: quando pensamos no povo brasileiro, não podemos incluir a elite. Nesse caso, povo diz respeito à camada mais pobre da sociedade brasileira, aqueles que estão em oposição à classe dominante, aos que estão no poder. Assim, o fator econômico é a variável mais significativa para demarcar o significado do termo. “ (Assis, 2008, p.2)

No entanto esse conceito de povo como a classe não dominante não é exclusivo da sociedade brasileira, como é possível perceber quando Burke (2014) diz que a Cultura Popular é a cultura não oficial, é a cultura dos grupos que não formam a elite. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), no documento sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, gerado na 25ª Conferência Geral em 1989, afirma que:

“ A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressadas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.” (IPHAN, 1989, p.2)

Seguindo a linha de pensamento que a Cultura Popular é a cultura do povo, ou seja, da digamos não elite, Vannucchi (1999) a descreve como:

“o conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam ser vividos e instrumentalizados pelas elites. Pense-se no candomblé, no carnaval, na feijoada, nos usos folclóricos, no jogo do bicho e na capoeira. (...) Cultura popular simplesmente [é] o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais. (...) Tudo que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável. (...) Tudo que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva.” (Vannucchi, 1999, p. 98).

Quando se aborda o termo Cultura Popular, o saber e o fazer do povo (Assis,2008), muitas vezes é entendido como algo genuíno/ autêntico, que remete as tradições do passado e que deve ser preservado sem haver alterações, imutável, como diz Vannucchi em sua definição. Porém, da mesma forma que abordamos acima quando falamos de cultura, a Cultura Popular também é dinâmica, também há a ambiguidade que Bauman (2012) citou entre tradição/ inovação. Não é possível haver uma cultura popular que não sofra alterações com o passar do tempo, mesmo as sociedades mais isoladas. Para Cascudo (1983, p. 39), existe um “processo lento ou rápido de modificações, supressões, mutilações parciais no terreno material ou espiritual do coletivo sem que determine uma transformação anuladora das permanências características”.

A cultura popular não é estática. Ela representa um povo, uma comunidade e está sempre em construção, se transformando, porém, respeitando sua tradição. No livro “Manual do Tradicionalista” o autor Glaucus Saraiva cita Hélio Rocha ao dizer que:

“Tradição não é simplesmente o passado. O passado é o marco. A Tradição é a continuidade. O passado é o acontecimento que fica. A Tradição é o fermento que prossegue. O passado é a paisagem que passa. A Tradição é a corrente que continua. O passado é a mera estratificação dos fatos históricos já realizados. A Tradição é a dinamização das condições propulsoras de novos fatos. O passado é estéril, intransmissível. A Tradição é essencialmente fecundadora e energética. O passado é a flor e o fruto que findaram. A tradição é a semente que perpetua. O passado é o começo, as raízes. A Tradição é a seiva circulante, o prosseguimento. O passado explica o ponto de partida de uma comunidade histórica. A tradição condiciona o seu ponto de chegada. O passado é a fotografia dos acontecimentos. A tradição é a sua cinematografia. Enfim: Tradição é tudo aquilo que do passado não morreu.” (Saraiva, 1968, p.28).

A tradição, essa característica da cultura que permite que ela seja passada de geração em geração oralmente ou pelo hábito, é fruto de uma memória. A memória precisa ser alimentada, “para sobreviver, precisa de ritos e ordenações, ao contrário do esquecimento que ocorre de uma forma natural e espontânea” (Jesus, 2010, p.4). De acordo com Silva:

“A memória é um processo complexo e não se reduz a um simples ato mental. Ela passa pela percepção dos nossos sentidos, como também pelos nossos sonhos e ilusões e pode incluir tudo, desde uma sensação mental privada e espontânea, possivelmente muda, até uma cerimônia pública solenizada. Todavia, tanto num caso como noutro, os dados da nossa experiência cotidiana são as reservas, os estoques, a massa de elementos sobre os quais ela trabalha” (Silva, 2008, p.85)

A memória é um elemento constituinte da identidade, palavra recorrente quando tratamos de cultura popular. A identidade pode ser entendida como o sentimento de pertencimento de um indivíduo a uma respectiva comunidade, tendo esse indivíduo características específicas estabelecidas pela comunidade, dentre elas hábitos, comportamentos, valores, sentimentos, ações, ideias, preferências, ascendência, fenótipos. Segundo Meneses:

“ O conceito de identidade implica semelhança a si próprio, formulada como condição de vida psíquica e social. Nessa linha, está muito mais próximo dos processos de re-conhecimento do que de conhecimento. A busca de uma identidade se alia mal a conteúdos novos, pois o novo constitui uma ameaça sempre. Ao contrário, ela se alimenta do ritmo, que é repetição; portanto, segurança. Trata-se, em suma, de uma atitude conservadora, que privilegia o reforço em detrimento a mudança. (Meneses, 2002, p.182).

No entanto, mesmo sendo uma atitude conservadora, Hall entende a identidade como um processo em andamento quando diz que:

“ [...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.”(Hall, 2005,p.39)

Dessa forma, não podemos perceber a identidade como algo imóvel, ela está sempre em processo de mudança, como exemplifica Bauman (2005):

“Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.” (Bauman, 2005, p. 17).

Essa identidade também pode ser partilhada em sistemas mais vastos, como identidade nacional. Em meados do século XIX, o “descobrimento” da cultura popular esteve intimamente ligado ao surgimento do nacionalismo, na formação dos modernos Estados europeus, como um movimento de busca e legitimação de uma identidade nacional (Burke, 2014, p.49). Essa identidade nacional dependeu do reconhecimento de um “passado comum”, mitos fundadores da nação, lendas de tradição oral, versões oficiais da história no espaço geograficamente delimitado do Estado-Nação (Brandão, 2015).

Esses estudiosos, de pensamento romântico, da Cultura Popular, ou como diz Burke, esses “descobridores”, acreditavam que esse “passado comum”, essa autenticidade, só poderia ser alcançada através do povo que vivia na área rural, ou seja, os camponeses, concepção essa que Burke refuta:

“ Para os descobridores da cultura popular, o povo, por excelência eram os camponeses. Esses viviam imersos na natureza, estavam menos influenciados pelos costumes estrangeiros e haviam conservado os costumes primitivos mais tempo que ninguém. Entretanto, esta descrição ignora importantes mudanças sociais e culturais e descarta a interação entre a cidade e o campo, entre a alta cultura e a popular. Não há na Europa moderna nenhuma tradição popular pura ou imutável e talvez nunca tenha havido. Não existe razão alguma para excluir dos estudos sobre cultura popular os habitantes da cidade. “ (Burke, 2014, p.61)

Essa busca pelos costumes populares, mesmo que ocorresse desde épocas anteriores, foi intensificada em meados do século XIX, bastante após a criação do termo: folk-lore (O saber do povo), em 1846 pelo inglês William John Thoms (Ikeda, 2004). Com o crescimento das cidades, avanço da industrialização e a evidente modernização, os intelectuais da época iniciaram uma coleta urgente com a preocupação de registrar, documentar e colecionar canções, contos, poesias, artesanatos, costumes e crenças antes que desaparecessem (Costa, 2015). É triste pensar que foi preciso essas tradições quase se perderem para haver essa “redescoberta”, essa “revalorização” da cultura popular.

Os termos Folclore e Cultura Popular são termos que muitas vezes se misturam, no entanto, no século XX, com o desenvolvimento das disciplinas acadêmicas relacionadas as Ciências Humanas e Sociais, os estudos de folclore foram perdendo autonomia, de forma a terminar possuindo uma conotação pejorativa, sendo associado e uma noção de verdade infundada (Costa, 2015). Mesmo a palavra folclore sendo muito importante em diversos lugares ao redor do mundo, como por exemplo no Brasil, pela associação da palavra a mentira, lenda, invenção, opto pelo termo Cultura Popular.

No passado, a Cultura Popular era vista a partir da elite como algo exótico, sem muita relevância em termos econômicos, no entanto, atualmente, ela assume uma dimensão nova e multifacetada: definidora da identidade nacional, fonte de renda e atração turística (Assis, 2008). É uma maneira de turistificação do popular, como sendo algo autêntico, tradicional e como aspecto externo à ideia de massificação.

Dentre os inúmeros aspectos e atividades que compõem a cultura popular, é possível identificar alguns e conhece-los um pouco mais. Como por exemplo a dança. As danças tradicionais “são as formas de manifestação que as pessoas mais facilmente relacionam ao contexto da cultura popular. Estão relacionados ao mundo do trabalho,

contam histórias ou servem para rememorar os tempos idos. ” (Assis, 2008). Rememorar há por exemplo no Maracatu, uma dança típica do nordeste do Brasil onde há um cortejo real com inúmeros personagens, inclusive rei e rainha, que busca reproduzir em solos brasileiros as raízes africanas presentes no território.

Ao pensar em dança é impossível não lembrar da música. A música tradicional é o conjunto de canções tradicionais de um povo e são imprescindíveis quando se fala em cultura popular, pois a partir dela, todo um ambiente é instaurado, sendo possível, levar mentalmente a lugares, cheiros e a lembranças (memória). É transmitida oralmente e abordam quase todas as atividades humanas, de crenças religiosas à amores, de lendas à protestos. A música tradicional normalmente representa uma comunidade e com isso tem o poder de unir as pessoas, de alegrar e trazer momentos inesquecíveis. A música possibilita identificar temáticas que evocam a alma do povo e despertam o desejo de reabilitar e manter a identidade cultural. (Assis,2008)

Outro componente importante da cultura popular é o artesanato. Pode ser manifestado de muitas formas: fios (bordado, crochê, etc), barro (esculturas, vasos, arte sacra, etc), couro (chapéu, bolsas, etc), madeira (esculturas, utilitários decorativos, etc), metais, pedra, papel e muitos outros. Com a industrialização, o papel do artesão e do artesanato se transformou. Hoje, “o artesanato não tem mais o caráter utilitário, mas passou a ser consumido como item de decoração, em ambientes de várias classes sociais. Em decorrência disso, representa uma das principais alternativas de sobrevivência para uma parcela considerável da sociedade. ” (Assis,2008)

As roupas tradicionais (ou trajes tradicionais) são um símbolo de uma região, comunidade, povo. Através dela é possível enxergar a identidade presente no local. São vestes que podem ser usadas no cotidiano ou em ocasiões especiais, como rituais ou festas. Remetem tempos passados, possuem toques e acessórios artesanais e ainda hoje são utilizadas diariamente por uma parcela da sociedade, como por exemplo o traje de fallera valenciana, como é possível perceber na figura 1. Atualmente, é mais perceptível ver a utilização da vestimenta como parte fundamental de rituais, danças, dias festivos e como produto turístico.



Figura 1 – Traje tradicional fallera valenciana

Fonte: Arquivo pessoal

A literatura popular, ou a literatura popular de tradição oral é mais uma importante manifestação da cultura popular. Através dela, as histórias, lendas, rituais, costumes e mais uma infinidade de ensinamentos são transmitidos. É uma das maneiras onde a tradição é passada e perpetuada pelo seu povo. Podemos citar como exemplo os famosos contos que os irmãos Grimm reproduziram, no qual buscaram no povo comum histórias e lendas com a finalidade de buscar a identidade nacional do povo germânico (Lobato, 2017, p.668).

É possível continuar a citar os componentes da cultura popular ininterruptamente, no entanto, esse trabalho visa um componente específico, que consegue englobar muitas vezes diversos aspectos da cultura popular de uma comunidade em um só acontecimento. Esse componente é a festa popular.

3. FESTA POPULAR

A festa popular é uma comemoração, no qual sua principal característica é a participação do povo, tanto diretamente quanto indiretamente. São caracterizadas pela presença de diversos componentes da cultura popular, como música, dança, indumentária, rituais, gastronomia, entre outros, e que estão diretamente ligadas as tradições da comunidade e do espaço realizado. Ferreira ao escrever sobre festas diz que:

“A festa deve ser vista como um conjunto de atos cerimoniais de caráter coletivo pela sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como "diverso" da cotidianidade. Em qualquer tipo de festa, o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordinário para entrar, coletivamente, na dimensão de um tempo carregado de implicação cultural e de conotação psíquica própria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano. Esse aspecto poderá ser identificado nas festas populares de qualquer região. ” (Ferreira, 2006, p.112)

As festas, esse conjunto de atos cerimoniais realizados fora do tempo de trabalho como uma quebra do cotidiano, possuem diferentes propósitos, sendo os mais comuns ligados a questão religiosa, mitologia ou relacionados a relações climáticas x cultivo, no entanto Caponero e Leite completam ao dizer que:

“ [...] as festas são verdadeiras encenações a céu aberto que têm como cenário as ruas e praças públicas das cidades. As festas possuem características únicas, por estarem associadas à civilidade, por reviverem lutas, batalhas e conquistas, homenagearem heróis, personalidades e mitos. Podem estar associadas à religiosidade como acontece com as festas litúrgicas ou em louvor aos santos, principalmente em louvor aos santos padroeiros de cada localidade; podem estar ligadas aos ciclos do calendário para comemorar os momentos importantes da vida cotidiana, como no caso das festas de colheitas festas da culinária; podem ser festas folclóricas que recriam algo que ficou na memória coletiva; podem ser festas étnicas por expressarem a tradição cultural das comunidades de imigrantes, sobretudo europeias ou podem, ainda, ser festas do peão, tão difundidas no interior do país.” (Caponero; Leite, 2010, p.2)

A partir das festas é possível perceber algumas contribuições, como por exemplo, para a construção de uma identidade coletiva.

Elas possuem um grande efeito aglutinador, marcando a comunidade e seus praticantes, sendo uma espécie de elo identitário entre pessoas e grupos, permitindo criar culturas, símbolos e identidades, pois permitem-se vivenciar novos valores, costumes,

formas de sociabilidade, sendo necessário esforços coletivos de preservação. No passado as festas eram a mais importante atividade pública, eram momentos de afirmação da identidade coletiva, onde o indivíduo tomava consciência do seu pertencimento a um grupo (Caponero, 2009).

As festas, além de um evento onde é possível perceber traços identitários marcantes de uma comunidade, também são um importante mecanismo de transmissão da tradição, pois a partir dela é possível garantir a transferência entre gerações de valores, crenças e costumes de determinada comunidade, como relata Del Priore:

“ Os jogos, as danças e a música que a recebem não só significam descanso, prazeres e alegrias durante sua realização; eles tem também importante função social, permitem as crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Na roda da festa, como na roda da vida, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar, os jovens aprendendo com os velhos a perpetuar uma cultura legada pelos últimos.” (Del Priore, 2000, p.10)

As festas são manifestações significativas em diferentes sociedades humanas, de acordo com Lanternari (1989) não existe e nunca existiu uma sociedade sem festas. Nesse trabalho uma festa específica será tratada, que são as Fallas, realizada entre os dias 15 e 19 de março na cidade de Valência.

II. ESPACIALIDADE E HISTÓRIA DE VALÊNCIA E DAS FALLAS

Analisando a festa popular escolhida como objeto de estudo desse trabalho, a seguir são expostos uma apresentação da cidade de Valência bem como sua história, de forma a contextualizar o espaço da festa e uma breve história das Fallas, passando pelos principais períodos e marcos da festa. Devido a escassos materiais bibliográficos a respeito da origem e evolução das Fallas, nesse trabalho foi utilizado como base, sobretudo, dois livros: *História de las Fallas* (Ariño, 1990) e *La Ciudad Ritual* (Ariño, 1992).

1. A CIDADE DE VALÊNCIA

A Espanha é dividida em Províncias. Cada Província tem uma capital (normalmente homônima), pertence a uma Comunidade Autónoma e possui diversos municípios. Valência é a capital da Comunidade Valenciana, da Província Valência e terceiro município mais populoso da Espanha, atrás de Madrid e Barcelona. Ela está localizada na costa mediterrânea espanhola, no leste do país, a aproximadamente 355km de distância da Capital Madrid e 351km de Barcelona.



Figura 2 – Mapa Província de Valência

Fonte: google

O município de Valência conta com 19 distritos, sendo eles: Ciutat Vella, L'Eixample, Extramurs, Campanar, La Saldia, el Pla del Real, L'Olivereta, Patraix, Jesús, Quatre Carreres, Poblats Marítims, Camins al Grau, Algirós, Benimaclet, Rascanya, Benicalap, Pobles del Nord, Pobles de L'Oest e Pobles del Sud. Esses distritos por sua vez são subdivididos, totalizando 88 bairros.

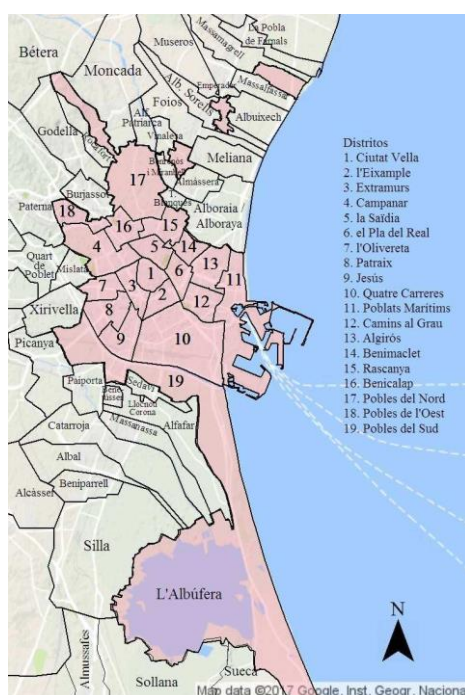


Figura 3 – Mapa distritos de Valência

Fonte: Resumo estatístico da cidade de Valência

De acordo com o censo da *Oficina de Estadística de l'Ajuntament de València*¹ de 2017, o município conta com 792.086 pessoas, sendo 377.718 homens e 414.368 mulheres. Chama a atenção o número de estrangeiros residentes na cidade, que chega a aproximadamente 17%.

A língua própria de Valência é o valenciano. Mesmo havendo uma contradição e até uma aversão (há pichações na cidade com as palavras ‘*valenciano no es catalán*’) a ideia de que o valenciano é igual ao catalão, desde 2005 foi decretado que na Espanha existe essas duas denominações para designar esta língua. Segundo a *Academia Valenciana de la lengua*:

¹ Disponível em http://www.valencia.es/ayuntamiento/webs/estadistica/Recull/Recull_Castellano.pdf <Acesso> 11.04.2019

“A língua própria e histórica dos valencianos, desde o ponto de vista da filologia, é também a que compartilham as comunidades autônomas da Catalunha e as Ilhas Baleares, e o principado de Andorra. [...] Dentro desse conjunto de discursos, o valenciano tem a mesma hierarquia e dignidade que qualquer outra modalidade territorial do sistema lingüístico, e apresenta umas características próprias que a AVL preservará e potencializará de acordo com a tradição lexicográfica e literária própria, a realidade linguística valenciana e a normatização consolidada a partir das Normas de Castellón.”

Seguindo a mesma linha, o *Diccionari normatiu valencià* define o valenciano como “língua românica falada na Comunidade Valenciana, assim como na Catalunha, nas Ilhas Baleares, no Departamento Francês dos Pireneos Orientais, no Principado de Andorra, na franja oriental de Aragón e na cidade sarda de Alguero, lugares onde recebem o nome de Catalão.”

Atualmente a língua falada nas ruas e nos centros urbanos é o castelhano, no entanto, a língua valenciana é ensinada nas escolas, é vista em placas e letreiros na cidade e pode ser escutada em conversas entre vizinhos, em palestras e congressos locais e mais comumente no interior e *pueblos* valencianos.

Valência é uma cidade plana e coberta por ciclovias, facilitando a locomoção por bicicletas (há um serviço da Prefeitura de aluguel de bicicletas chamado Valenbisi), patinetes, skates e outros meios. No entanto, há o extenso serviço de metro, que liga o centro urbano a regiões afastadas, ônibus, trem e aeroporto para a locomoção mais distantes. É cortada pelo antigo rio Túria, hoje o Jardim do Túria ou simplesmente “rio” ou “túria” como os moradores comumente chamam. Sempre bem cuidado, é o principal espaço de lazer da cidade sendo o domingo o dia em que está mais cheio. No verão, o Túria divide as atenções com as praias, sendo as mais próximas do centro, a de Cabanyal, Malvarrosa e Patacona. Nas praias há passarelas e serviço de cadeiras especiais para os cadeirantes poderem desfrutar do espaço e do mar.

Na *Plaza del Ayuntamiento* está a Prefeitura e é onde acontece a maior parte dos eventos na cidade, como a exposição da árvore de Natal, os fogos de ano novo e diversas atividades das Fallas. Ali próximo há outras duas praças famosas, a *Plaza de la Reina*, repleta de restaurantes e onde se encontra a Catedral de Valência e a *Plaza de la Virgen*, sendo as duas sempre com muitos turistas. Ainda no centro histórico, duas torres chamam a atenção e são um dos ícones da cidade, são elas a Torre de Serranos e a Torre de Quart, essa que mantém até hoje marcas do ataque das tropas Napoleônicas, que será visto mais para frente.

Valência é uma mescla de história e modernidade, tendo o seu símbolo modernista a *Ciudad de las Artes y de las Ciencias*, projeto do arquiteto valenciano Santiago Calatrava, que expõe todo um complexo arquitetônico futurista onde em seu exterior é passeio obrigatório para turistas e residentes e no interior dos seus edifícios é utilizado para museu de ciências, cinema, sala de espetáculos, aquário, boates, dentre outros.

Para chegar como Valência é hoje foram necessários 2057 anos. Mesmo que esse longo período não seja o objeto direto do trabalho, toda a história influencia a festa e, portanto, será resumido e brevemente exposto a seguir.

1.1 BREVE HISTÓRICO DE VALÊNCIA

Existem muitas teorias sobre a fundação da cidade de Valência, segundo Maria Paz Pérez (2009) muito mais mitos do que realidade. No entanto, a mesma autora cita o histórico escritor romano Tito Livio (autor da obra intitulada *Ab urbe condita*, onde relata a história de Roma desde sua fundação 753 a.C. até ao início do século I da Era Cristã) para marcar o início da história da cidade em 138 a.C: “O cônsul Junio Bruto na Espanha deu aos que haviam lutado às ordens de Viriato, terras e uma cidade que recebeu o nome de Valentia.” (Pérez, 2009, p.60). Essa frase gerou e ainda gera múltiplas interpretações e contradições aos historiadores, pois segundo a autora, Roma não costumava premiar seus inimigos com terras, portanto a mesma acredita que mais verossímil seria dizer que essa terra tivesse sido doada para “legionários licenciados sobreviventes das guerras Lusitanas (c. 154-138 a.C.) (Pérez, 2009, p.60). Inicialmente Valentia foi um refúgio provisório para soldados, no entanto, em poucos anos as cabanas e assentamentos se transformaram em construções mais sólidas. A cidade prosperou rapidamente e em pouco tempo já tinha a sua moeda própria. (Prefeitura de Valência)



Figura 4 – Moeda de Valentia

Fonte: Prefeitura de Valencia

Em meados do séc. I, Valentia recupera o ritmo após a sua destruição ocorrida na Guerra Sertoriana (75 a.C), guerra civil romana que teve Sertorio como principal líder da oposição. Com a construção de importantes edifícios públicos, como o Foro e o Circo, a execução de obras de infraestrutura, como o Porto fluvial (onde hoje se encontra a Torre de Serranos) e a chegada de novos colonos, ocorreu um desenvolvimento e crescimento urbano considerável. (Prefeitura de Valência).

Dois séculos depois, na segunda metade do século III, Valentia entrou em um extenso período de crise e decadência, ocasionando em um abandono de bairros inteiros e das redes de infraestrutura, de forma a diminuir consideravelmente o perímetro da cidade. No meio do século IV é possível perceber na cidade a aparição de uma pequena comunidade cristã, devotos de *San Vicente*, martirizado na cidade no ano 304 (Prefeitura de Valência). Dessa maneira, após dois séculos de estabilidade, a cidade assistiu o início de um processo de mudança, onde a cidade romana se converteria em uma cidade cristã. (Salvador, 2009). No século seguinte, com o vazio deixado pelo governo romano e as ondas de ataques germânicos (principalmente Visigodos), a Igreja assumiu as rédeas e os edifícios de culto cristão foram substituindo aos poucos os edifícios romanos. (Prefeitura de Valência)

Mais tarde, no ano de 711, ocorre a Conquista Muçulmana na Península Ibérica pelo exército árabe e berbere se aproveitando de uma disputa interna na região. Rapidamente ocupam quase toda a Península e estabelecem Córdoba como a capital. Há poucos registros de Valência (Balansyia em fontes árabes) sobre esse período emiral, no entanto é importante ressaltar a entrada da cidade nas leis do Islã, a mudança da língua, religião e costumes; a destruição da cidade em 778-779 pelo então Emir de Córdoba Abd al Rahman I durante uma revolta; e a presença de Abd Allah al Balansi, que exerceu durante um tempo uma forma de governo independente e construiu um luxuoso palácio

chamado *La Russafa*, que originou o famoso bairro de mesmo nome (Prefeitura de Valência).

Após a caída do Califado de Córdoba em 1010, Balansyia, antes uma modesta sede governamental se transforma na capital de um emirado autônomo, chamado de Taifa de Balansyia (Josep Torró, 2009). No entanto, o auge da cidade foi um pouco depois, na “época de Abd al-Aziz (1021-1061) que corresponde a estabilização do emirado Taifa de Balansyia como poder regional” (Josep Torró, p.165, 2009). A cidade cresceu, e Abd al-Aziz fortificou-a com uma muralha, na qual ainda há restos no bairro *del Carmen*. (Prefeitura da Valência)



Figura 5 – Muralha Muçulmana

Fonte: Google

No final do século XI, Rodrigo Díaz, conhecido como *el Cid*, se aproveitou de um clima de instabilidade política e controlou a cidade de Valência com as suas tropas cristãs. No entanto, “esta interessante experiência de poder cristão estrangeiro em um país muçulmano não deixou de ser efêmera” (Josep Torró, p.166, 2009) pois em 1102, três anos após a morte de *el Cid*, os Almorávidas ocuparam a cidade e trouxeram novamente o culto muçulmano (Prefeitura de Valência).

Com o declínio dos Almorávidas, os Almóadas, uma nova dinastia norte africana, governaram a cidade a partir de 1171. Em 1238, o monarca cristão Jaime I conquista Valência, colocando fim em 5 séculos de domínio árabe (Prefeitura de Valência). Dessa maneira, no dia 29 de setembro de 1238, a história da milenar cidade de Valência muda,

começando simbolicamente um novo tempo, a de uma cidade feudal e culturalmente cristã (Guinot, 2009).

Após a vitória cristã, nos primeiros dias de outubro de 1238 o despejo dos muçulmanos foi seguido pela entrada dos vencedores cristãos e pelo reparto das novas terras pelos que participaram da conquista, que estão escritas no *Llibre del Repartiment* (Guinot, 2009). O Rei outorgou a cidade novas leis, chamadas de *Furs* e segundo a Prefeitura da cidade, nesse momento a cidade entrou em uma nova fase, essa, com as bases do povo valenciano como conhecemos hoje.

Em 1348 a peste negra e sucessivas epidemias dizimam a população e ocorre uma revolta contra os excessos da monarquia, chamada Guerra da União. Em 1363 e 1364 a cidade de Valência contém os avanços das tropas castelhanas, ganhando do então Rei de Aragão, Pedro IV ou Pedro o cerimonioso, o título de “duas vezes leal”, representado pelos dois L que possui em seu escudo até hoje. (Prefeitura de Valência).

No século XV ocorreu um grande desenvolvimento econômico e artístico cultural. Nesse período, considerado o século de ouro, foram erguidos alguns dos mais importantes e emblemáticos monumentos da cidade, como *La Lonja de Seda* (durante o período sendo um dos mais importantes centros de transações do mediterrâneo), a Torre de Serranos e *el Micalet* (campanário da Catedral de Valência). Em 1474 é impresso o primeiro livro na Espanha, chamado *Les Trobes en lahors de la Verge María*, escrito em língua valenciana (Prefeitura de Valência).

No século XIII, com a morte sem descendente de Carlos II, ocorreu um conflito dinástico que desembocou na Guerra da Sucessão Espanhola. A cidade de Valência apoiou o Arquiduque Carlos de Áustria, que entrou na cidade como Rei em 1706, porém seu reinado durou apenas alguns meses. Em 1707 as tropas Borbônicas de Felipe V derrotaram o exército austriacista na Batalha de Almansa. Após sua vitória, Felipe V ordenou a abolição dos *Furs* (leis locais) e implementou a Nova Planta, que eram as leis e costumes castelhanos (Prefeitura de Valência).

Em 1808, após as abdições de Carlos IV e Fernando VII do trono da Espanha e o levantamento de Madrid no 2 de maio frente as tropas Napoleônicas, o povo de Valência força a criação de uma *Junta Central de Governo*, com representação diversa, que fica a cargo da defesa da cidade. Em 27 de julho ocorre o primeiro ataque francês a mando do General Moncey, que foi heroicamente combatido. Valência resistiu até a chegada do

General Suchet, que repetiu o cerco por duas vezes, conseguindo no ano de 1812, após incessantes bombardeios, destruição e morte, o domínio da cidade. O controle sobre Valência foi breve, até 1814, no entanto, durante esse período o governo foi ativo e transformador (Justo Serna, 2009). Segundo a Prefeitura de Valência em termos gerais, a estadia francesa foi benéfica, pois implantou medidas de higiene, segurança pública e a criação de jardins por Valência.



Figura 6 – Marcas do bombardeio das tropas Napoleônicas na Torre de Quart

Fonte: Arquivo pessoal

A experiência liberal e revolucionária não durou muito tempo, um ano depois da saída das tropas de Suchet, Fernando VII volta a península justamente através de Valência. Foi uma entrada cenográfica que marcava o triunfo da vontade real e a volta do absolutismo. A história de Valência durante o reinado de Fernando VII não foi distinta do resto da Espanha, uma etapa de conflitos entre os partidários de um regime absolutista, que estava em declínio, e os seguidores do liberalismo (Justo Serna, 2009). Após a morte de Fernando VII em 1833, a regência de Maria Cristina e logo depois o governo progressista do General Espartero acabaram definitivamente com o Antigo Regime, consolidando o estado liberal (Prefeitura de Valência).

No fim do século XIX Valência começa a crescer. Com a derrubada das muralhas em 1865, as áreas periféricas iniciaram seu processo de desenvolvimento. A abertura de grandes vias possibilitou uma rápida urbanização do setor oriental da cidade e nesse momento são levantados edifícios de estilo modernista e eclético que ainda hoje podem ser vistos na cidade (Prefeitura de Valência).

No início do século XX, Valência era uma cidade industrializada e vivia um progresso econômico, com predomínio na produção de peles e couro, madeira, metalurgia, e produtos alimentares, em especial a exportação de vinhos e citrinos. Nesse período são construídos alguns edifícios de estilo modernistas de importância, como a Estação *del Nord* e o Mercado Central. No entanto, a Primeira Guerra Mundial afetou bastante a sua economia, de forma a produzir uma alta descontrolada nos preços, o desabastecimento dos mercados e o colapso da exportação de citrinos (Prefeitura de Valência).

Em 14 de abril de 1931 ocorre eleições locais, Alfonso XIII renuncia ao trono, e é instaurada a Segunda República na Espanha, após um período de aproximadamente 7 anos de ditadura de Primo Rivera. A Frente Conservadora ganha o poder em 1933 e em 1936, após um clima de enfrentamento cada vez mais radicalizado e polarizado, a Frente Popular triunfa na Espanha. Por esse motivo, a direita se mobiliza e prepara um golpe militar, que se concretiza em 18 de julho de 1936. Porém, não teve êxito em algumas regiões, dentre elas Valência, que em novembro de 1936 se transformou em capital da República. A cidade foi intensamente bombardeada pelo ar e pelo mar, o que levou a construção de centenas de refúgios para proteger a população. No dia 30 de março de 1939, Valência se rende e as tropas do General Franco entram na cidade (Prefeitura de Valência).

Com a ditadura Franquista foi proibido os partidos políticos, se iniciou uma severa repressão ideológica e a economia se enfraqueceu, resultando no não abastecimento dos mercados. Em 14 de outubro de 1957 ocorre a “grande cheia de Valência”, quando o principal rio da cidade, o rio Túria, transborda e ocasiona a morte de aproximadamente 80 pessoas. Por essa razão, anos depois, o rio é desviado para uma nova via (Prefeitura de Valência). A língua valenciana no período não foi diretamente penalizada, no entanto viu o seu uso ser totalmente controlado e relegado a manifestações folclóricas, composições poéticas e na vida privada. Dessa maneira, o uso do valenciano e das manifestações culturais valencianas era respeitado sempre que se mantivessem dentro dos limites de colaboração (Saz, 2009).

No início dos anos sessenta Valência se recupera economicamente e vive um período de crescimento demográfico, devido a imigração e execução de obras urbanísticas e de infraestrutura. O processo democrático volta a cidade após a morte do General Franco

em 1975 e propicia a recuperação da língua e cultura valenciana. Em 1977 Valência constitui-se como capital da Comunidade Valenciana (Prefeitura de Valência).

Dos anos 1990 para os dias atuais Valência se transformou em uma cidade moderna, na qual projetos como o Jardim do Túria (ajardinamento do antigo percurso do rio Túria), Cidade das Artes e da Ciência, obra do arquiteto valenciano Santiago Calatrava, os Palácios da Música e Congressos, o IVAM (Instituto Valenciano de Arte Moderna), dentre outros atrai cada dia mais turistas e faz com que a cidade esteja em uma posição destacada tanto na Espanha quanto na Europa. (Prefeitura de Valência).

2. BREVE HISTÓRIA DAS FALLAS

2.1 A ORIGEM DA FESTA E A IMPORTÂNCIA DO FOGO

A origem da festa popular denominada Fallas que ocorre na cidade de Valência e em *pueblos* valencianos é sempre um tema polêmico, ainda que tratado e estudado por diversos historiadores, carece de documentos e testemunhos, seguindo assim sem uma versão unânime. O certo é que existem diversas teorias sobre essa origem e que a ADEF (Associação de Estudos Falleros) ainda hoje possui linhas de pesquisa abertas sobre o tema.

A palavra *falla* vem do latim *Fácula* que significa *antorcha* (tocha). A palavra foi alterando o seu significado com o passar do tempo, sendo desde tocha, objeto pequeno para dar luz, passando para fogueira, até chegar ao objeto artístico monumental que aparece atualmente exposto nas ruas durante a festa. A palavra *falla* hoje representa esse monumento artístico, formado por estruturas de madeira, bonecos e escritos com intenção crítica/satírica e vida efêmera que é exposto nas ruas da cidade e é queimado durante a noite do dia de São José, padroeiro de Valência. No entanto, a mesma palavra pode significar a Associação de cada bairro/rua que organiza a festa e usando no plural, Fallas, representa o conjunto dessas associações, dos monumentos e é claro, a festa mais importante da cidade (Casanova em Ariño, 2009)

O fogo tem papel fundamental no aparecimento da festa. Seja ‘‘como luz ou energia, o fogo é um mero instrumento a serviço do festejo coletivo’’ (Ariño, p.3, 1990). O fogo proporciona luz na escuridão possibilitando a vida noturna, emana calor para combater o frio, energia para assar alimentos. No entanto o fogo tem outras utilidades, menos objetivas e mais simbólicas. Na época Foral (1238-1707) o litoral de Valência era todo fortificado com castelos e torres de vigia, um autêntico sistema de defesa que utilizava o fogo como meio de comunicação. Sistema antigo, utilizado antes pelos árabes em terras espanholas, o fogo avisava qualquer novidade, durante a noite com as chamas e durante o dia com a fumaça. Durante um período, esta foi a função da torre principal da Catedral de Valência, a *falla del Micalet* (*falla* no sentido de fogueira) que acendia para informar os habitantes da cidade de possíveis perigos (Ariño, 1990).

É possível encontrar na história da cidade outros numerosos rituais ligados ao fogo, dentre eles uma parte vinculada a festas e comemorações, no qual será exposto a seguir os mais relevantes. Iniciemos com o fogo de véspera,

‘‘quando analisamos a sequência ritual de qualquer festa, observamos que os atos estão ordenados segundo um ritmo ascendente que culmina em um ato focalizador e que tem o seu prelúdio e abertura assim como seu final e encerramento. Os fogos de véspera estão localizados nesse momento preliminar da festividade que separa dois tempos e duas modalidades diferentes da existência social (vida cotidiana/festa, produção/celebração). Toque de sinos, desfiles, fogueiras, etc., são os atos iniciais que rompem a continuidade do tempo produtivo e introduzem no tempo festivo. Anunciam, preparam e iniciam a festa. ’’ (Ariño, p.5, 1990).

Dessa maneira podemos entender que o fogo de véspera é um ritual que anuncia a chegada de uma festividade e que é realizado, como o próprio nome já diz, na véspera da festa/comemoração. Nas Fallas por exemplo, até o ano de 1880, os monumentos eram queimados no dia 18 de março, véspera do dia de São José. Por essa razão muitos documentos antigos tratam a festa como *falles de la vespra de sant josep*.

O fogo solsticial são rituais realizados durante os solstícios de inverno e verão, em uma tradição pagã que foi incorporada no cristianismo, ‘‘concretamente em Roma se celebrava no dia 25 de dezembro a Festa do *Sol Invictus* e 24 de junho a de *Fors Fortuna*’’, mesma data que hoje é comemorado o Natal e dia de São João. Na província de Valência é possível encontrar esse tipo de celebração durante o inverno na *nit de fatxos*

e *nit de aixames* em Onil e Xixona e durante o verão a *fogueres de Sant Joan*, que são as fogueiras acesas durante o dia de São João (Ariño, 1990).

No campo, “grande parte do ritual da cultura das sociedades agrárias gira em torno da proteção das colheitas” (Ariño, p.9. 1990). Há um complexo sistema de cerimônias significativos no ciclo agrário, como bênção de animais e frutos, rezas contra a seca, festas para a recolha das colheitas, entre outras. Nesse sentido, o fogo nos ritos agrários são rituais que podem representar essas bênçãos ou agradecimentos. Na Comunidade Valenciana é possível encontrar esse elemento na Festa de *San Antonio Abad*, onde se acendem grandes fogueiras e são realizados desfiles pelas ruas representando a vida e as tentações de *San Antonio* (Ariño,1990).

Piromaquias é o nome dado aos rituais de fogo onde expressam mais nitidamente o combate entre o homem e o fogo. Proibido na cidade de Valência desde 2016 devido a projetos contra o mau trato animal², o *bou embolat* é um bom exemplo dessa festividade, pois nela “a luta entre o homem e o fogo tem uma simbolização peculiar, pois o fogo aparece investido com a força do animal selvagem por excelência” (Ariño, p.12, 1990).



Figura 7 – Festividade *bou embolat* proibido em Valência desde 2016

Fonte: *vivelasfallas*

O fogo satírico segundo Frazer em Ariño (1990) representa uma purificação, no qual ocorre a cremação dos espíritos e potências malignas, explicitamente expressada naqueles rituais em que se coloca fogo em bonecos ou em representações de pessoas. Dessa forma se queimavam vícios e comportamentos que a sociedade considerava

² Disponível em: https://www.eldiario.es/cv/valencia/antitaurinos-exigen-apruebe-prohibicion-embolat_0_532297065.html <acesso 10/05/2019>

intolerável, em geral era metaforicamente um exercício de justiça popular, no qual quem transgredia as normas e costumes tradicionais se viam expostos. Essa foi a origem das fallas monumentais da cidade de Valência (Ariño, 1990).

Por fim, listamos o fogo de homenagem, que são os rituais no qual são disparadas armas de fogo em sinal de alegria e homenagem a personalidades importantes para a região ou religião. Segundo Ariño (1990) ‘disparar armas de fogo como expressão de felicidade e alegria tem sido uma manifestação comum em todas as culturas que conheceram a pólvora’.

O fogo como ritual pode ter diferentes manifestações e significados e é algo presente na maior parte das festividades durante as Fallas. Acima foi visto alguns de seus objetivos e onde os atos falleros como a *Despertà*, *Mascletà*, *Castillos de fuego* (fogos), bombas, *Cabalgata del fuego*, entre outros estão representados.

Voltemos a origem das Fallas. Já é sabido que a origem da festa é incerta, no entanto, segundo Enric Soler y Godes em Ariño (1990) é possível resumir as diversas teorias em três. A versão mais difundida e popular é a Teoria Gremial, onde na época foral, o grêmio de carpinteiros de Valência, na véspera do dia do seu padroeiro, o São José, queimam em uma fogueira um *parot* (duas madeiras cruzadas formando uma cruz) com objetos antigos e madeira, homenageando o santo e a entrada da primavera. Dessa maneira, com o tempo foi se introduzindo figuras vestidas e representativas com mais objetos antigos, criando assim uma cena, os primeiros *ninots* (bonecos representativos) e conseqüentemente a falla monumental. A segunda teoria se trata de uma origem pagã de fazer fogueiras que são acendidas no ritmo dos equinócios e solstícios e que o cristianismo manteve homenageando os seus santos, como Santo Antônio, São José, São João, entre outros. A terceira relaciona com outras festas, como o carnaval e quaresma, na qual jogavam bonecos que poderiam representar Lutero, Maomé ou Judas sobre uma fogueira.



Figura 8 – Evolução do *parot*

Fonte: valenciabonita

Somente a partir da segunda metade do século XVIII começa a aparecer notícias esporádicas que permitem esboçar um perfil e as características das Fallas. Há um documento de 1784 que confirma que até essa respectiva data a prática ritual de se plantar fallas e queimá-las na véspera do dia de São José já estava estabelecida. Nesse documento, encontrado por Fernando Díez consiste em um ofício no qual a autoridade municipal pede que seja proibido acender *fallas* (fogueiras) nas ruas e que plantem apenas nas praças ou em espaços abertos por motivos de segurança (Ariño, 1990). A seguir o ofício em língua original:

Ofício del Sr. Corregidor sobre que no se permitan hacer fallas por las calles en la noche víspera de san Joseph, sino en plazas. Sr. Dn. Juan Pablo Salvador y Asper = Esta ciudad atenta siempre a precaver cualquier perjuicio a su público, no puede mirar con indiferencia el que se presenta por el que pueda acontecer com motivo de la práctica que se observa en la noche víspera del Sr. San Joseph en las Plazas y Calles desta Ciudad por algunos vecinos haciendo fallas a las fronteras de las casas que aunque estan permitidas, y no se opone a ello tampoco la Ciudad en los parajes en donde no perjudiquen con todo se hace digno al presente de precaver en aquella parte en que pueda proporcionar algún suceso, y admitiéndose al presente de que en muchas calles y callejuelas de esta ciudad se hacen dichas fallas, y a la sazón se encuentran en muchas aquellas cruzadas de puntales de madera que sostienen sus respectivas casas, pudiendo alguno menos advertido hacer colocar dichas fallas bajo los mismos puntales, los que prendiéndose fuego causen algún incendio a las casas vecinas.: ha acordado esta Ciudad pasar a V.S. este ofício para que providencie lo que estime relativo a no permitir em ninguna calle ni callejuela falla alguna em semejante noche víspera de san Joseph si sólo en las plazas en las que su inmediación o cercanía no haya puntales algunos con lo que no se priva a los vecinos de esta práctica y al mismo tiempo se atiende a precaver qualquiera acontecimiento que pudiera suceder haciéndose en las calles. Lo que espera

esta ciudad merecer atención de VS. Por lo que interesa la causa pública. 13 marzo, 1874 (Cartas Misivas, 1784-5, p.34 em Ariño, p.73, 1990).

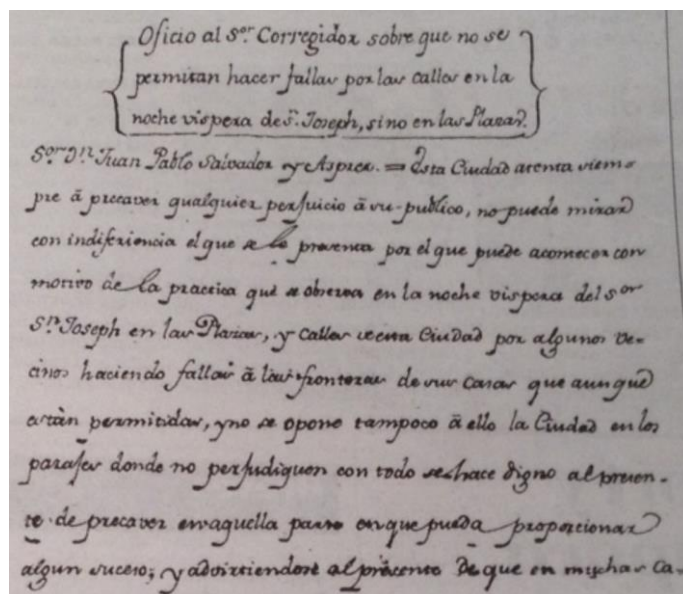


Figura 9 – Primeiro documento que menciona as Fallas (1874)

Fonte: historiadelasfallas

Dessa maneira, é possível compreender que as Fallas é uma festa que ocorria na véspera do dia de São José, ou seja, no dia 18 de março (após 1880 o dia foi trocado para 19 de março, dia de São José), onde ocorria uma homenagem ao santo. Os testemunhos nos permitem diferenciar dois tipos de fallas, as simples fogueiras com madeira e objetos antigos e as fallas monumento. Essas fallas eram plantadas junto das fronteiras das casas, no entanto após a política municipal foram empurradas para praças e espaços abertos para prevenir incêndios. Os protagonistas da festa, segundo o ofício, são os *vecinos*, ou seja, a vizinhança, no entanto também é sabido a importância e intervenção dos carpinteiros e o seu grêmio. Em uma primeira etapa, as fallas eram um fogo de véspera, porém a partir do momento que se colocam bonecos representativos/personagens para queimar, ela passa a ser uma prática simbólica de caráter sancionador. Em resumo, as Fallas, desde o primeiro momento parece ser uma festa organizada e celebrada pelas classes populares, ainda que outras classes mais abastadas também usufruam. Uma festa de bairro onde os vizinhos praticam a sociabilidade e sancionam as atitudes e comportamentos que consideram intoleráveis (Ariño, 1990).

2.2 PRIMEIRAS FALLAS

Até o último terço do século XIX, as Fallas não eram uma festa, e sim um festejo que estava inserido dentro da sequência ritual de festividades de São José. Ariño (1990) diferencia festa de festejo, alegando que enquanto a primeira consiste em um grupo de atos organizados que formam uma sequência e que se polarizam em torno do objeto celebrado (nesse caso o santo padroeiro, porém podendo ser outro acontecimento), o segundo se refere apenas a cada um desses atos. Dessa forma, a festa para o Santo acontecia nos dias 18 e 19 de março, sendo que no dia 18 ocorria a manifestação mais sobressalente e atrativa pois era quando se plantavam e queimavam as fallas.

Ao longo do século XIX, é possível perceber 4 tipos de Fallas de São José. Em primeiro lugar tinham as pequenas fogueiras, que eram acendidas no campo, centenas delas. Por outro lado, tinham as fogueiras com madeiras e objetos antigos que se acendiam em quase todas as ruas da cidade e que a partir de sucessivas proibições, a tradição foi se restringindo. Em terceiro tinham os *monigotes*, espécie de boneco que eram colocados nas janelas e que depois eram postos ao fogo. E por fim, estavam as fogueiras que consideramos hoje como fallas, que a imprensa para distinguir das outras resolveu nomear de fallas monumentais. Ela consistia em uma espécie de tablado que em cima era representado uma cena satírica, humorística ou apologética composta por bonecos/personagens, chamados de *ninots*, e essa cena representava um assunto que seria destinado ao fogo. Quantitativamente elas não tinham tanta importância, pois enquanto as fogueiras do campo chegavam a centenas, as fallas monumentais podiam ser uma ou duas como em 1851 ou 11 como em 1886. No entanto, elas mobilizavam toda a população e a após as proibições das fogueiras simples dentro da cidade, a sua importância foi crescendo (Ariño, 1990).

A partir das pressões municipais para a redução de riscos de incêndio, as fallas monumentais ou *escenario* (em alusão as cenas) acabaram se configurando como um fenômeno de praça ou de cruzamento de ruas. Dessa maneira o número de cenas e possibilidades visuais aumentaram, pois, a partir desse momento foi possível observá-las em 4 perspectivas, diferentemente de quando era encostada na parede e apenas era possível a visão frontal. Por essa possibilidade de perspectivas, a quantidade de cenas foram aumentando e em consequência os *ninots* também. Em relação a tamanho,

inicialmente os *ninots* possuíam o tamanho natural, então não passavam dos 3 ou 4 metros, no entanto, no final do século, começaram a validar o termo monumentais, pois estavam chegando a 8, 10 metros. No princípio a cena era composta por dois ou três *ninots*, no entanto, com a dita falla rodada ou circular, os *ninots* passaram a ser 8, 10 e até 14 (Ariño, 1990).

Em 1866, na Plaza de San Bartolomé, foi introduzido, mesmo que ainda sem esse nome, a *desperta*, um festejo importante das Fallas, no qual uma banda de música passa pela manhã despertando todos os vizinhos para o grande dia da festa. Nesse momento ainda não havia um programa de atos falleros organizado tampouco um vocabulário formalizado. Era um momento embrionário, onde seguia um ritmo irregular e oscilante entre decadência e auge/crescimento. Enquanto se falava em um furor fallero quando se plantou 7 fallas em 1850, nos anos seguintes, em 1852 e 1853, se plantaram apenas uma em cada ano. Entre 1849 e 1870 se plantaram aproximadamente 109 fallas, tendo nos anos de 1860 e 1867 além dos já citados 1852 e 1853 os anos com menos fallas, enquanto o ano de 1866 foi o mais grandioso com 11 fallas plantadas (Ariño, 1990).

As fallas monumentais sempre foram um instrumento de expressão da cultura popular, nelas, os artistas expressam cenas que demonstram o sentido comum do povo. Segundo Ariño (1990), elas podem ser classificadas em três tipos: satíricas ou críticas, humorísticas ou apologéticas. Nesse período, a predominância eram pelas fallas críticas, que poderiam ser política (guerras coloniais, abusos de poder, candidaturas, etc), social/cultural (desigualdade social, importância de empregos e cargos, hábitos, etc) e moral (vizinhos, traição, etc). Representavam 75% das fallas plantadas, destacando que dentro dessa porcentagem, 46,2% eram sátira moral, principalmente casos extraconjugais, sedução, símbolos sexuais, entre outros, que foram chamadas pela imprensa local de fallas eróticas.

Além dos próprios monumentos, a mensagem das fallas também é passada pela literatura. O *llibret fallero*, uma espécie de livreto, é um conjunto de versos e textos em valenciano que explicam tudo o que contém nas fallas. O primeiro deles foi criado em 1855 pelo escritor e poeta Josep Bernat i Baldoví, intitulado ‘‘El conill, Viseneta y Don Facundo’’, feito para a falla da *Plazuela del Almudín*. Além do *llibret*, as fallas também continham e ainda contém versos em valenciano em volta da cena, normalmente fazendo alguma sátira com o que está sendo reproduzido.

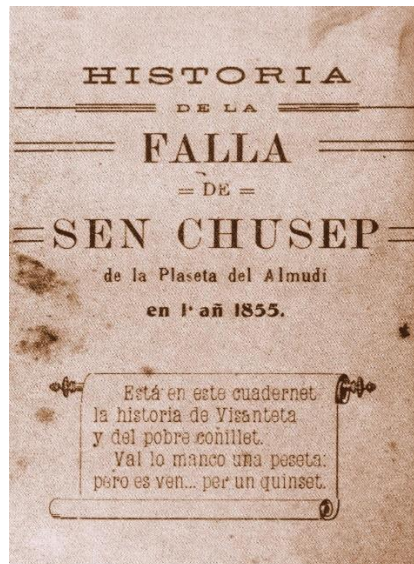


Figura 10 Primeiro llibret fallero (1855)

Fonte: valenciabonita

As Fallas começavam a atingir um nível de engajamento maior e as repressões e censura também. A repressão à cultura popular se exerceu a partir da ascensão da burguesia liberal, que tinha o objetivo de modernizar a cidade. Essa burguesia liberal queria “civilizar” o povo e para isso necessitaria eliminar algumas tradições, hábitos e modos de vida. Essa atuação se resultará no controle, censura e criação de impostos. O ápice se deu especialmente na década de 1880, com a elevação de determinados impostos e criação de novos e proibições, como a impossibilidade de usar as máscaras de carnaval, principal festa da cidade na época, em 1883 (Ariño, 1990).

Na última década do século, por volta de 1890, as Fallas começam a mudar de patamar. O programa de festejos se desenvolve, aumentam o número de fallas plantadas, os monumentos ficam maiores, ocorre a formalização da organização da festa, a participação dos artistas aumenta e é instaurada a estratégia de prêmios. As Fallas, após um processo de negociação, principalmente entre a burguesia e a igreja, tomam o lugar do carnaval e se torna a *Fiesta Mayor* de Valência, ou seja, a principal festa da cidade.



Figura 11 Falla de la calle Maldonado, foto Derrey (1889)

Fonte: valenciabonita

2.3 FALLA ARTÍSTICA

Nesse momento, início do século de 1900, as Fallas deveriam se enquadrar nos novos valores culturais da modernidade valenciana. Essa dita modernidade valenciana, segundo Ariño (1990) pedia por correção, delicadeza e pureza e em 1895 foi lançado pela Sociedade Valencianista um projeto de criação de prêmios para as melhores fallas. A prática dos prêmios era uma das estratégias do programa de reformas que a burguesia estava lançando desde os anos de 1880, no qual tinha o objetivo claro de direcionar os monumentos para a questão estética, onde os monumentos falleros passariam a ser monumentos artísticos, semelhante a uma escultura, e que a sua beleza e perfeição dariam um sentimento de pena ao ser posta ao fogo na Cremà.

A estratégia de prêmios teve o seu marco em 1901 quando a Prefeitura de Valência cria prêmios para os autores das fallas que revelem na sua criação o mérito artístico que exige a cultura valenciana. Desta forma, a Falla Artística não era mais feita por vizinhos voluntários, era uma verdadeira obra de arte produzida por especialistas. Mesmo não existindo ainda os artistas falleros, que se dedicavam exclusivamente a festa, nesse

período começou uma maior competitividade entre as comissões, resultando em uma maior divisão de trabalhos e fazendo que os monumentos se desenvolvessem (Ariño, 1990).



Figura 12 – Primeira Falla premiada pela Prefeitura (1901)

Fonte: valenciabonita

As Comissões falleras, grupos de suma importância na festa, também são fruto desse período. São grupos gestores, com organização administrativa que organizam a celebração no bairro/rua, recolhem o arrecadamento financeiro e realizam/contratam especialistas para a confecção e construção das fallas. Existem aos montes e se assemelham a uma associação de moradores de bairro, no entanto, em Valência, em um bairro existem várias Comissões. Nelas há uma divisão de trabalho, onde consta uma presidência, uma tesouraria, uma secretaria e a parte de contabilidade. Ariño (1992) define as comissões como “órgão de arrecadação de fundos, de programação e gestão dos festejos e como comunidade de relações”. Dentro das Comissões, os vizinhos do bairro se relacionam, criam vínculos mais fortes e identidade com o seu bairro ou rua.

Em relação a diferença entre os dois períodos, é possível perceber que a Falla Artística se diferencia devido a cinco características fundamentais: a monumentalidade (tamanho dos monumentos), o caráter escultórico (semelhança a esculturas), proporcionalidade (simetria e formato triangular/piramidal), acabamento e atrevimento

construtivo. Em 1908 a imprensa tratava os monumentos como fallas de dimensões colossais e recordes de altura eram batidos com o tempo cada vez menor. Anteriormente, a falla *enscenário* era formada por dois corpos: a base e a cena, no entanto, nesse período passou a possuir uma estrutura mais complexa. Na falla artística é possível perceber três níveis: a base, as cenas e uma estrutura central no formato triangular/piramidal. A base serve para a sustentação da falla, a estrutura central é formada por uma sobreposição de diversos corpos e adereços e é finalizada com uma figura principal no patamar mais elevado e as cenas rodeiam essa estrutura central, fazendo com que somente fosse possível entendê-las rodeando toda a falla (Ariño, 1990).

Com Comissões falleras mais estáveis, monumentos mais bem elaborados, premiações, revistas, as Fallas passaram do âmbito de festejo da sequência ritual do dia de São José para se tornar a festa mais popular da cidade, mobilizando todos seus habitantes durante dois dias. Nesse período o programa de atos da festa era o seguinte: No dia 18 de março, antes do amanhecer acontecia a *Plantà*, ato onde as fallas eram plantadas nas ruas da cidade. Durante o dia, a *Despertà*, chamando todos os cidadãos para sair de suas casas e desfrutarem da festividade, com desfiles, bombas e apresentações musicais. Durante a tarde e noite, ocorriam serenatas, apresentações maiores e os homônimos do santo José (Josep em valenciano) eram presenteados com alguma peça especial. No dia 19, dia do santo, ocorria da mesma maneira a *Despertà* com desfiles e pequenas apresentações. A tarde era ocupada com muito barulho de disparos de bombas. A noite aconteciam apresentações musicais maiores, bailes populares, fogos de artifício e o último e principal ato da festa, a *Cremà*, onde as fallas são postas ao fogo (Ariño, 1990).

As Fallas nesse período sofreram muitas transformações, não só estéticas como de conteúdo. No momento, a arte se tornou o mais importante e as sátiras, que até o momento eram a prioridade, foram deixadas como secundárias. A crítica política se manteve alta, com grandes protestos contra a monarquia. Ainda existia com frequência a crítica social, no entanto a falla apologética valencianista foi ganhando espaço, devido tanto a estratégia de prêmios, quanto a censura, que no momento tinha proibido a crítica a vizinhos, a autoridades políticas, anti clero e linguagem obscena (Ariño, 1992).

2.4 FALLA TURÍSTICA

O período de 1920 até a Guerra Civil em 1936 é conhecido na história das Fallas por turística. Isso pois a festa, que anteriormente ficava restrita a cidade e povoados da região, agora recebia turistas de cidades mais distantes. Em janeiro de 1926, se reúnem as principais entidades sócio culturais e algumas econômicas para criar um movimento de apoio as Fallas e fomentar a sua atração turística. Desta reunião saiu um documento onde continha diversas propostas para a Prefeitura de Valência. Em resposta, a Prefeitura aumentou o valor das premiações, criou o primeiro concurso Literário Fallero com diversas modalidades e acompanhou de perto a ação da Sociedade Valenciana de Fomento ao Turismo (Ariño, 1990).

A Sociedade através de sua revista *Valencia Atracción* e de seus contatos com agências de viagem em diversas cidades, organizou em 1927 a primeira excursão para a festa, através do Trem Fallero partindo da cidade de Madrid e realizou uma campanha de promoção das Fallas como o emblema do turismo valenciano. Foi tal o êxito do trem que o jornal da cidade *Las Provincias*, no dia seguinte já pedia que organizassem trens para os próximos anos partindo de outras cidades. Nos anos seguintes, a festa se viu tomada de visitantes e a *Fiesta Mayor* de Valência agora era uma forte atração turística da cidade (Ariño, 1990).



Figura 13 - Chegada do primeiro Trem Fallero (1927)

Fonte: juanansoler.blogspot.com.es

No dia 11 de fevereiro de 1927, os presidentes das 49 comissões falleras se reuniram e criaram um Comitê Central, cuja a função era ter um órgão responsável por centralizar os assuntos falleros, coordenar as comissões, administrar os recursos e obter apoios financeiros. Após alguns problemas com o Comitê nos anos posteriores, o diretor da Sociedade Valenciana propôs nas páginas do *Valencia Atracción* uma recriação do órgão, com o objetivo de defender os interesses da classe, aumentar os dias da festa e obter fundos para suprir os gastos ocasionados por esse aumento de dias e caso sobrasse algum montante, esse seria dividido entre as comissões. Após diversas reuniões, não só foi acordado uma potencialização do Comitê como também foi criado a Associação Geral Fallera Valenciana com estatutos e regulamentos. Dessa maneira foi criado o grupo Comitê Central Fallero, que com o passar do tempo se transformaria no que conhecemos hoje como Junta Central Fallera (Ariño,1990).

Uma das primeiras atuações do Comitê foi a organização de uma festa de verão no Jardim Real onde foram elegidas 11 belezas falleras e a Rainha das Fallas de 1931, na qual Angeles Algarra foi a escolhida. A figura da Rainha, cargo de honra, atuaria como uma projeção simbólica tanto da associação quanto da própria festa. A beleza fallera e a rainha eram o início do que iria tornar mais para frente a *Fallera Mayor*, essa com trajes típicos e uma formalização mais complexa.



Figura 14 - A beleza fallera Angeles Algarra (1931)

Fonte: elmascler.wordpress.com

Após insistência da Sociedade Valenciana de Fomento ao Turismo, em 1928 as fallas foram plantadas um dia antes, fazendo com que a festa durasse três dias. Em 1932, a Prefeitura, com a ajuda da Associação Geral Fallera Valenciana, aceitou a ideia de expansão da festa e criou a Semana Fallera, uma combinação de atos particulares das comissões e novos festejos que começava no dia 12 de março e terminava dia 19, tendo a Plantà na noite do dia 16 e a Cremà no dia 19. Entre os novos festejos é preciso destacar a Exposição do *Ninot* (1934), a *Nit del Foc* (Noite do fogo), as *Cabalgatas* (Cavalgadas) e a eleição e apresentação das belezas falleras e Falleras Mayores (Ariño, 1990).

A festa tem início, meio e final. Antes iniciava com a Plantà, onde as fallas eram expostas ao público, havia a visitação dos monumentos e como final a Cremà, ato sancionador onde as fallas são postas ao fogo. Com a Semana Fallera esse cronograma mudou. Não haveria a possibilidade da Plantà ser realizada no dia 12 pois não teria condições físicas de se manter perfeita até a noite da Cremà. Dessa forma, o início da festa se deu com a Crida, ato na qual bandas de música com trajes típicos desfilavam junto com as comissões desde a periferia até chegar ao centro, finalizando com hino da região e uma grande explosão de bombas. Assim, a Semana corria com outros diversos atos, como desfiles, ornamentação e iluminação das ruas, distribuição de *llibrets* e biscoitos, exposições, bombas e bailes até chegar ao dia 16, onde se plantavam as fallas. Do dia 17 até o 19 acontecia a parte tradicional da festa, com atos que afirmassem a identidade valenciana, como corrida de toros, *cabalgatas*, recepções e homenagens, hinos, bandeiras e claro a Plantà e a Cremà (Ariño, 1992).

Nessa época existiam diversos tipos de comissões, as mais comuns eram as populares, na qual não possuíam grandes financiamentos para a construção das fallas, no entanto também haviam as formadas pela classe média e burguesa, situadas no centro, com maior aporte financeiro e possibilidade de contratar os melhores artistas e conquistar os melhores prêmios. Como forma de diminuir essa desigualdade, em 1933, a Prefeitura de Valência estabeleceu duas categorias: as fallas de Seção primeira, na qual o custeio da falla ultrapassasse 300 pesetas e as fallas de Seção segunda, na qual tivesse um custo inferior a este valor. A prática de contratação de artistas elevou o patamar desse profissional na festa, fazendo com que em 1932 alguns deles se juntassem e criassem a Associação de Artistas Falleros, com o objetivo de atuar como um bloco que defendesse os interesses da classe, se transformando mais tarde no Grêmio de Artistas Falleros.

Segundo Ariño (1992) ‘‘Se em XIX e primeira década de XX, a falla pode se considerar em linhas gerais como uma manifestação e expressão do descontentamento social e um protesto simbólico do povo, nos anos vinte, a falla se converteu, sobretudo, em uma manifestação e expressão das qualidades do artista’’.

Entre 1920 e 1936 foram plantadas 1093 fallas. No quadro abaixo, sobre a temática dos monumentos, é possível destacar a diminuição em porcentagem da crítica política e social frente ao período passado (de 61% para 35%), muito devido a ditadura de Primo Riviera e a o crescimento da crítica cultural (de 10,4% para 27%), devido as sátiras contra a modernidade, pois nesse momento estava ocorrendo mudanças importantes na sociedade como aparições de automóveis, cinema e rádio (Ariño, 1992).

2.5 FALLA DO FRANQUISMO

Em 1939, três anos após a Guerra Civil, as tropas do novo regime de Franco se instauraram em Valência. O período de pós-guerra foi turbulento e trouxe reflexos a festa. Além de se adequar a ideologia e aos objetivos do regime de Franco, havia agora um novo calendário oficial, no qual o tradicionalismo religioso e a exaltação de mitos e figuras do novo regime ganharam destaque. O governo, com o objetivo de que a vida social voltasse ao normal após o combate, manifestou o desejo de que houvesse Fallas em 1940 e a Prefeitura decidiu prepara-la de forma oficial. Em 6 de novembro de 1939 é fundada a Junta Central Fallera (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

É possível perceber dois momentos distintos no período das Fallas no regime de Franco: a Falla do pós-guerra (1939-1959) e a Falla do desenvolvimento (1959-1975). A Falla do pós-guerra é subdividida em três períodos: A Reconstrução fallera (1939-1944) a Consolidação das novas fallas (1945-1952) e a Estabilização (1953-1959) (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Valência vivia um momento delicado, abalada pelos constantes ataques das tropas de Franco e com crise econômica, resultando até em falta de abastecimento nos mercados. Por essa razão, a Prefeitura como forma de amenizar a situação e com o objetivo de a vida voltar ao normal realizou a reconstrução fallera. No entanto essa reconstrução foi mais rápida do que o esperado. De 35 fallas plantadas em 1940, passaram para 118 em 1944.

O número de comissões também aumentou, nesse momento surgiram ou reapareceram 190 delas. Por essa situação, a Junta Central Fallera se reforça institucionalmente, fazendo com que seus componentes quase triplicassem, dando um outro aspecto na sua estrutura (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Mas a mudança não foi só em quantidade de comissões e fallas plantadas. A festa agora tinha novas diretrizes como por exemplo evitar as críticas políticas e de mau gosto. Também seria proibido tudo o que fosse considerado contra a arte, a espiritualidade, a clareza e ao bom gosto burguês. A Prefeitura recomendava temáticas esportivas, festivas, artísticas ou de críticas amáveis e redefiniu os monumentos falleros como uma plataforma sobre o qual se agrupam figuras e elementos decorativos diversos, satirizando sucessos cômicos, cenas de bairro e críticas que não tenham caráter político, social e internacional. Através da censura, como ocorreu em outras atividades, a Prefeitura vetou 18% das fallas dos anos 1940, alegando se referir a erotismo, tratamentos socioeconômicos muito incisivos e contra a religião. Em relação a temática, no início dos anos de Franco no poder, o que predomina são as críticas socioeconômicas, moral, política institucional e a cultura modernista (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Nesse período ocorre um momento importante na festa que é uma demarcação geográfica e estabelecimento de marcações falleras, por bairros ou distritos, com a implantação do Casal Fallero. É a sede de cada comissão, onde se constitui um espaço para a sociabilidade de membros e vizinhos, gestão da atividade e recursos econômicos da comissão e local para arrecadar fundos e realizar eventos comemorativos. Um lugar de convivência e diversão. Agora organizadas, as comissões, se diferenciavam e possuíam identidade própria, com escudos, emblemas, estandartes, algumas com hinos e nomeavam a sua rainha, a Fallera Mayor, símbolo feminino e cargo relevante de prestígio social. (Ariño, 1990).



Figura 15 - Casal Fallero Pascual Garcia

Fonte: denia.com

De 1945 até 1952 as Fallas tiveram um processo de consolidação. Em 1946, como forma de divulgação e consolidação da festa, as autoridades obtiveram a Declaração de Interesse Nacional, feita pelo então Ministro da Educação Nacional, Ibáñez Martín. Em relação à economia, se em 1948 as Fallas da Seção Especial (criada em 1942) custavam 1.200.000 pesetas, em 1952 chegaram a dois milhões. Nesse período, Valência passou a plantar de 134 a 150 fallas, tendo 1948 com 168. Era surpreendente como a festa conseguia crescer mesmo diante de grandes dificuldades econômicas. No entanto, mesmo com essa consolidação fallera, o que predominou nesse momento foi a censura (Hernandez Martí em Ariño, 1990)

A partir de 1944 a Junta Central Fallera assume claramente o papel que lhe foi dado em 1939, o de controle. Nesse momento, as comissões passam a ser controladas, vigiadas, sancionadas e até dissolvidas pela Instituição. A Junta Central Fallera e as Instituições oficiais possuíam um discurso interclassista e populista, católico e tradicional. Os temas mais perseguidos eram a ambiguidade (44,6%), temática erótica (39,9%), política (9,8%), socioeconômica (6,8%), escatológica (6%) e religiosa (1,6%). (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

O programa oficial de festejos tem mudanças importantes nesse período. Em função do novo contexto histórico, aumentam os atos de caráter religioso e de caridade. O mais impactante é a criação da Oferenda de Flores para a Virgem dos Desamparados,

padroeira de Valência. São José, padroeiro da cidade e santo homenageado desde o início da festa, passou a ser figura secundária na religiosidade fallera e a Virgem ganhou destaque. O festejo veio anunciado no programa oficial de 1945, onde cada comissão realizaria um desfile até a Basílica com um ramo de flor para homenagear a padroeira. Em pouco tempo a Oferenda de Flores passou de um festejo secundário para um ato central na festa, foco de interesse turístico e importante estímulo a competição e ostentação das comissões falleras. Outras mudanças do período foram a consolidação do *ninot indultat*, figura da falla que seria salva do fogo e a mudança do *pregón fallero* para a moderna Crida, ainda longe das cercanias da Torre de Serranos e com um ar mais aristocrático e refinado. (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

O período de 1952 até 1959, denominado como período da Estabilização, foi o início da expansão fallera. O número de fallas plantadas não sofreu muita alteração, de 159 em 1953 para 150 em 1959, no entanto a expansão se dava no aspecto econômico, no tamanho e qualidade dos monumentos, nos festejos e na repercussão exterior. Se no ano de 1954 o custo total das fallas foi de 2.628.000 pesetas, em 1959 foi para 6.675.000 pesetas. Em relação ao turismo, Valência recebia cada vez mais forasteiros interessados em vivenciar a festa do fogo (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Houve poucas novidades no que diz respeito as atividades falleras. A Nit del Foc (noite do fogo, o grande espetáculo de fogos de artifício da festa) foi passada para o dia 19 de março, os atos religiosos aumentam sua presença, como por exemplo a Oferenda de Flores, que em 1947 participaram 3.000 pessoas, em 1955 tiveram 12.700 e em 1959 durou quase 5 horas e depositou a santa mais de 4 mil toneladas de flores. Mesmo sendo um ato de caráter religioso, a prática dos falleros tinham mais motivação na ostentação e competitividade entre as comissões, de forma a deixar a religiosidade como secundária. Em 1954 a Crida é passada para a Torre de Serranos, onde três anos mais tarde, iniciaria o costume de entregar a Fallera Mayor as chaves da cidade. Também em 1954, é inventado o traje fallero masculino, estrelado por todos os membros da Junta Central Fallera para ir a Oferenda. Os trajes não possuíam qualquer fidelidade histórica a indumentária valenciana e com a uniformização, reforçou o sentimento de coletividade do grupo e deixa marcado a ruptura entre o tempo cotidiano e o tempo de festa (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Em 1957, Valência sofre com a maior enchente do Rio Túria em sua história. Por essa razão, se pensou em suspender as Fallas de 1958. No entanto, é lançado uma

campanha chamada Fallas da gratidão, onde nesse ano, a festa seria um agradecimento a todas as regiões da Espanha que ajudaram a cidade, destruída, a voltar à normalidade. A partir de 1959, o novo Ministério de Informação e Turismo inicia a divulgação da festa pela televisão. Nesse período, o fallero era o típico valenciano. Valenciania e fallerismo eram como se fosse o mesmo (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

As Fallas do desenvolvimento, período entendido entre 1959 e 1975, foi um momento de crescimento econômico de Valência e conseqüentemente da festa. Em relação a quantidade, as fallas plantadas passaram de 149 em 1960 para 269 em 1975 e surgiram 180 novas comissões. De 6.300 falleros em 1953, 14.000 em 1963, passaram a 28.000 em 1970, 4,3% de toda a população da cidade. As comissões grandes e clássicas, como a Plaza del Mercado e Plaza del Dr. Collado, vencedoras dos prêmios nos anos anteriores, acabaram perdendo a hegemonia para um novo grupo, que incluía Plaza del Pilar, Plaza Na Jordana, Plaza de la Merced, Bailén-Játiva e Convento Jerusalém. As fallas infantis, que estavam em decadência até 1959, iniciariam uma recuperação. A grande mudança foi a troca de fallas feitas por crianças para fallas feita para as crianças, fazendo com que passasse de 80 em 1961 para 269 em 1975 (Hernandez Martí em Ariño,1990).

Em relação a parte econômica, também houve crescimento. Até os anos 70, as comissões bancavam praticamente toda a celebração fallera, a partir de mensalidades, rifas, loteria, títulos de honra, arrecadação, eventos, entre outros. A Prefeitura, que financiava 0,8% em 1968, reduziu em 1975 para apenas 0,2%, saindo para si uma festividade praticamente grátis. A partir dos anos 70 que se começou a buscar apoios de algumas empresas para festejos de nível oficial (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Durante os anos 1960 as Fallas experimentaram a sua maior campanha de promoção como uma atração turística, sendo utilizada como símbolo indiscutível de Valência. Em 1961 o Ministério de Informação e Turismo criou prêmios especiais para a Falla com maior interesse turístico e em 1965, o mesmo Ministério elevou a Declaração de Interesse Nacional de 1946 para a de Interesse Turístico. Os monumentos com tamanho colossal (chegando a 20 metros de altura com dezenas de cenas e *ninots*) e a Oferenda de Flores chamavam a atenção de muitos forasteiros e como conseqüência, a cada senso de março a população presente duplicava e a semana fallera se converteu no principal foco turístico da temporada alta. O fato da festa se apresentar como um produto turístico teve como conseqüência diversas críticas, na qual o gigantismo desenfreado e a

supervalorização da estética em comparação com o conteúdo eram os principais alvos. Dessa maneira, nesse momento, as Fallas eram caracterizadas pelo monumentalismo fallero, a inovação dos programas de festejos, a extrema diversificação de conteúdos para atrair os turistas e a massificação sofrida na cidade durante os dias da festa. (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Entre 1961 e 1967 o programa de festejos teve novidades. Em 1961 se organizou o Primeiro Barco Fallero, onde chegaram ao Porto de Valência alguns representantes de colônias valencianas residentes no Chile, Argentina, Uruguai e até no Brasil. Em 1963 foi a vez da chegada do Primeiro Avião Fallero que chegou a cidade em circunstâncias similares. Nesse mesmo ano, o Programa incluiu o ato *Cant de l'Estoreta*, no qual recuperava a antiga tradição de queimar objetos antigos na noite de São José. Em 1965 foi criada a *Albà de las Fallas*, onde sintonizadas por rádio, todas as comissões lançam foguetes ao céu na noite da Plantà como mostra do nascimento das Fallas. Em relação a Plantà, essa foi transferida para dia 15 de madrugada, aumentando em um dia a festividade. Em 1966 foi criada a Primeira Olimpíada de humor e um aristocrático Baile de Debutantes. Um ano depois foi criada a *Cabalgata Regional*, que se transformaria em *Cabalgata del Reino*, onde era realizado um desfile com representações folclóricas, artísticas e da vida tradicional de diversas populações valencianas (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Em 1970, foi erguido na então *Plaza del Caudillo* (atual *Plaza del Ayuntamiento* ou Praça da Prefeitura) a falla municipal chamada de Colosso de Rodes. Era um símbolo do colossalismo que havia se caracterizado a festa nos anos 1960, no entanto, o Colosso tombou e teve que ser recomposto de forma circunstancial. Por esse motivo, no ano seguinte, em 1971, o Colosso voltou a ser levantado e resistiu até o momento da Cremà. No entanto, no mesmo ano, no dia 19, ocorreu a maior tragédia da história das Fallas, onde uma falha na pirotecnia da *Nit del Foc* ocasionou a morte de três pessoas e mais de 200 feridos, causando um imenso impacto em todo o mundo fallero e na opinião pública. (Hernandez Martí em Ariño, 1990).



Figura 16 - Colosso de Rodes: Falla de la Plaza del Caudillo (1971)

Fonte: lasprovincias.com

As Fallas não paravam de crescer. Os monumentos chegavam a uma envergadura gigantesca, os espetáculos pirotécnicos estavam cada vez mais potentes e sem a devida regulamentação, os desfiles maiores e com mais pessoas, a festa massificada ocasionando o caos na circulação da cidade. Tudo isso junto com um imparável crescimento econômico e o trágico acidente de 1971. O crescimento parecia ter chegado ao limite (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

Enquanto em 1971 se plantou 223 fallas, em 1975, último ano do período Franquista, já tinham 269 fallas nas ruas. No mesmo ano, a Oferenda de Flores concentrou mais de 60 mil participantes. O total de custos dos festejos, que em 1973 foi de 98,5 milhões de pesetas, no ano seguinte passou para 107. O próprio impulso expansionista da festa se viu progressivamente obstaculizado pelo crescimento de necessidades que esse impulso necessitava, de modo que quando a recessão econômica geral chegou, a crise ameaçou diretamente toda a organização da festa (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

A temática no período não variou muito. Desde 1967, devido a uma nova lei, reduziu a censura nos conteúdos, permitindo uma maior margem para a expressão dos artistas. Durante o início dos anos 1970, a média das fallas censuradas por ano não excedeu os 12%. Desde 1960 prevalecia a temática cultural, deixando os temas sociais,

morais e políticos em segundo plano. A crítica continuava a ser predominante, afetando 87% dos monumentos, no entanto, as críticas estavam mais genéricas e indeterminadas (Hernandez Martí em Ariño, 1990).

2.6 FALLA DA DEMOCRACIA

Com a morte do ditador Franco e a proclamação de Juan Carlos I como rei começava o caminho para a democracia, cujo a culminação se deu a partir do acesso ao poder do partido socialista em 1982 e a estabilização do regime parlamentar. A transição democrática significava o triunfo da liberdade e o desaparecimento da censura (Alcañiz em Ariño, 1990).

Com a democracia, ocorreu a eleição livre democrática para a presidência da Junta Central Fallera. Como consequência, se produzia uma mudança na Secretaria geral e nas vice-presidências, que eram nomeadas pelo Presidente. O novo secretário geral, em 1979, foi Pere Maroto, que foi encarregado de introduzir as primeiras mudanças e vivenciou o quanto isso seria complicado. Isso pois, dois grupos dificultavam as ideias reformadoras: o setor progressista, que não colaboravam com as atividades renovadoras da festa e os *inmovilistas*, que não aceitavam qualquer mudança da nova secretaria. Apenas com a chegada do novo secretário, Jose María Rey de Arteaga, com ideais ecléticos, que se acabou pouco a pouco com a maior parte dos conflitos. Em relação a eleição de cargos e democracia, nesse momento a Fallera Mayor e a Fallera Mayor Infantil eram elegidas democraticamente, fazendo com que qualquer fallera, de qualquer comissão, pudesse almejar o cargo simbólico de extrema importância na festa (Alcañiz em Ariño, 1990).

Durante esse período, a festa continuou a se expandir. O número de fallas plantadas passou de 274 em 1976 para 362 em 1990 e também cresceu a festividade em povoados valencianos. Como consequência desse crescimento, durante a Semana Fallera, a cidade concentrava um grande número de pessoas, de maneira a transformar o trânsito de automóveis e também de pessoas em determinados locais insustentável. Como forma de amenizar essa aglomeração de pessoas, a Oferenda de Flores, um dos atos que mais satisfazem o mundo fallero, foi dividida em dois dias. Os fogos de artifício (*Castillos de fuego*), como medida de segurança, foram transferidos em 1987 para o rio Túria (parque

que permeia a cidade localizado onde era o antigo rio Túria) entre as pontes *del mar* e da *Exposición* (Alcañiz em Ariño, 1990).

A democracia também foi pauta no período. Existe uma evidente pluralidade de concepções ideológicas no mundo fallero a respeito do tema. Na realidade, observando as fallas plantadas no período, é mais nítido o interesse na crítica aos partidos e instituições novas, manifestando-se contra o pluralismo político do que sobre a implantação da democracia. Alguns monumentos falleros e seus *llibrets* associavam esse pluralismo com desordem e confusão, utilizando algumas vezes a metáfora da Torre de Babel, como foi o caso da falla da Plaza del Caudillo em 1977, obra do artista Vicente Luna, na qual a Torre representava o palácio da Corte Espanhola e o Congresso dos Deputados. Por outro lado, também houveram fallas que relacionaram a democracia com o relaxamento dos costumes e o aumento das mulheres grávidas, como se liberdade fosse igual a libertinagem (Alcañiz em Ariño, 1990).



Figura 17 - Torre de Babel: Falla de la Plaza del Caudillo (1977)

Fonte: lasprovincias.com

Em relação a temática, desde uma perspectiva geral, é possível observar duas grandes novidades: a proliferação da nudez e sobretudo a generalização da sátira política. Era difícil não encontrar políticos famosos e locais que não tenham sido representados em *ninots* e postos ao fogo. Figuras como Reagan, Brejnev e Gorbatchov na política

internacional e Adolfo Suárez, Felipe González, Santiago Carrillo, Manuel Fraga, Alfonso Guerra, etc. na política nacional foram alguns dos “homenageados”. Outros temas comuns eram a delinquência juvenil, a insegurança, a crise econômica e a corrida armamentista (Alcañiz em Ariño, 1990).

A temática do culto ao valencianismo também era elevado. O amor a terra, *millor terreta del món*, a homenagem as glórias e símbolos valencianos é percebido nesses anos em abundância. Os monumentos estão sempre vinculados a símbolos da cidade, como a Torre del Micalet, Santa Catalina, valencianas com trajes típicos e produtos locais. Valência aparece como a terra das flores e da arte, que brilha a pintura e a escultura. No mundo fallero, a identidade valenciana sempre foi muito clara, a ideia do valenciano independente, insubmisso e soberano a si mesmo. Como dito anteriormente, o fallero era o típico valenciano, logo as Fallas significava muito mais do que um acontecimento lúdico, era uma festa que celebrava a própria identidade valenciana (Alcañiz em Ariño, 1990).

III. AS FALLAS ATUAIS

As Fallas continuam sendo a *fiesta mayor* da cidade de Valência, ocasionando em um enorme impacto econômico e turístico na região. Segundo um estudo realizado e publicado pela Universidade de Alicante, a cidade recebeu entre os dias 15 e 19 do ano de 2017, o total de 865.950 visitantes vindos de fora de Valência (Marco et al. 2018, p.58) e 2.007.393 visitantes no geral segundo o Instituto Nacional de Estatística. As cifras da festa também impressionam. De acordo com os resultados apresentados pela *Intergrupación de Fallas* no ano de 2008, último ano a ser publicado, elas alcançaram 753 milhões de euros anuais. Uma festa que consegue mesmo diante crises econômicas, ano após ano, manter e expandir a sua popularidade.

No dia 30 de novembro de 2016, na cidade de Adis Abeba - Etiópia, o Comitê da UNESCO aprovou a entrada da festa Fallas na lista representativa de Patrimônio Cultural

Imaterial da Humanidade³. O Comitê valorizou a festa como uma expressão de criatividade coletiva que salvaguarda as artes e tradições e as fallas artísticas propiciam uma comunicação e diálogo entre os cidadãos. A UNESCO não só reconheceu os monumentos artísticos, mas também os outros elementos falleros, como todos os atos que envolvem a festa, música, gastronomia e símbolos. Dessa forma, a festa que já era considerada na Espanha como sendo uma Festa de Interesse turístico Internacional, a partir desse título de patrimônio da humanidade, atingiu maior visibilidade tanto nacional quanto internacional.

A seguir são apresentados a programação da festa, onde seus principais atos são detalhados e analisados, a partir de documentos bibliográficos, análise de campo e conversas informais com falleros e frequentadores da festa. Para melhor compreensão, os festejos são explicados na sequência em que ocorrem, ou seja, não são separados por importância. Em seguida é abordado a importância das comissões falleras, relacionando com a questão de sociabilidade. O capítulo é finalizado com o processo de coleta e análise do questionário realizado com falleros e moradores de Valência.

1. PROGRAMAÇÃO DAS FALLAS

Como parte do trabalho de analisar as Fallas, foi realizado um trabalho de campo, onde foi possível vivenciar inúmeros atos e acontecimentos. Aqui não será exposto e analisado todos os atos da festa, e sim os principais, como a *Crida*, a *Mascletà*, *Plantà*, *Oferenda de Flores* e a *Cremà*.

O campo inicia-se com a *Crida* no dia 24 de fevereiro de 2019 e termina com a *Cremà* dia 19 de março do mesmo ano. Para discorrer sobre os atos há uma mescla de pesquisa bibliográfica, observações pessoais e conversas informais que foram obtidas durante os dias festivos. A seguir é exposto o resultado desses dias intensos e muitas

³ Disponível em <<https://ich.unesco.org/es/RL/la-fiesta-de-las-fallas-de-valencia-00859?RL=00859>> acesso em 10/08/2019

vezes cansativos, no qual em um mesmo dia era preciso o deslocamento para diferentes partes da cidade em um espaço de tempo bastante reduzido.

1.1 CRIDA

A Crida é o ato inicial das Fallas, a chamada para a *fiesta mayor* de Valência. Ocorre sempre no último domingo do mês de fevereiro, sendo no ano de 2019, no dia 24. Nessa data, as Falleras mayores de Valência convidam a todos, valencianos, visitantes e turistas para a celebração Josefina, considerada Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO. O ato inicia-se as 20 horas da noite na Torre de Serranos, local icônico e representativo da cidade e que delimita a entrada ao centro histórico. Para estar ao menos perto do monumento é preciso chegar com bastante antecedência.

Algumas ruas começam a ser fechadas horas antes do ato, o que, mesmo acontecendo em um domingo, gera impactos no trânsito. Para se chegar a Torre é possível utilizar o tranvia (metrô na superfície), autocarro, metrô, bicicleta, carro e caminhada. Por conta das ruas fechadas, a maneira mais utilizada para pessoas que vivem longe do centro é o tranvia, parando na estação Pont de Fusta, que as 17 horas da tarde já estava com uma grande concentração de pessoas.

Vivi perto da Torre, logo a caminhada era a melhor opção e no caminho já era nítido ver e sentir o quanto as Fallas mexem com os valencianos. Nos 12 minutos que ligavam minha casa a Torre, o clima na rua era de festa, mas ainda sem o barulho ensurdecedor das bombas valencianas. Famílias e amigos, todos indo na mesma direção, com tranquilidade, sem confusão, mas com bastante euforia, afinal estavam chegando as Fallas.

No breve caminho, passei por dois *Casales*, as tradicionais casas de comissões falleras, no entanto todas estavam fechadas. Descobri o porquê logo, pois assim que cheguei no rio Túria, parque situado na frente da Torre, já pude observar, mesmo que de longe, um amontoado de falleros de todas as comissões com seus trajes informais, chamados de *blusón*. Mesmo chegando com bastante antecedência, não pude sequer atravessar a ponte que liga o bairro de *la Saïdia* ao espaço que há na frente da Torre, esse que estava praticamente fechado para as comissões. Por esse motivo, me instalei em frente

a Torre, porém no outro lado do rio, apoiado nos muros do parque em frente a *calle de la Trinidad*.

Bem em frente a Torre, existiam dois paredões de caixas de som, que animavam os presentes no local com músicas pop normalmente norte americana e algumas no estilo latino reggaeton. Era possível perceber a separação das comissões pois cada uma usava uma cor diferente, como um uniforme. Algumas delas ostentavam grandes cartazes, especialmente das Falleras mayores. Quando o sol se põe, inicia-se a iluminação especial na Torre, com a parte de baixo toda azulada e a de cima mesclando o vermelho com o amarelo, simbolizando La Sereña, a bandeira da Comunidade Valenciana. O jogo de luzes altera a todo o momento e entretém o público de milhares de pessoas, que levam bebidas, petiscos e fazem uma verdadeira festa enquanto esperam o pronunciamento da fallera mayor e fallera mayor infantil.

Em um momento as luzes se apagam e é projetado na Torre um vídeo. O espetáculo utiliza a técnica de *mapping*, projeção de vídeos em superfícies irregulares, no caso a fachada da torre, mesclando vídeos da festa, arte 3d e fogos de artifício do alto da Torre, tudo com a música tradicional valenciana. Ao final, a luz se apaga e é iluminado uma grande instalação, onde se encontram as falleras mayores, a Corte de honra e autoridades políticas. Em um primeiro momento, o prefeito de Valência, Joan Ribó, inicia o discurso, todo feito em valenciano e encerra entregando simbolicamente a chave da cidade para as falleras mayores.



Figura 18 - A Crida

Fonte: elmundo.es

A fallera mayor infantil foi a primeira a discursar, também em valenciano. Sara Larrazábal, uma menina de 10 anos da Falla Josep Maria Bayarri – Los Isidros, é a representante infantil das Fallas de 2019 e demonstrou bastante tranquilidade ao falar para milhares de pessoas, que batiam palmas, fotos e gritavam a cada pausa da menina. O ponto de maior euforia do público, onde foi amplamente aplaudida, foi quando a Embaixadora infantil adotou um tom reivindicativo e disse que gostaria que deixassem que as crianças falleras pudessem participar das eleições dos monumentos infantis pois “as fallas infantis são patrimônio da infância fallera”.

Logo após, foi o momento do discurso da Fallera mayor de Valência, Marina Civera, da Falla Barrio de San José. Ela destacou que as Fallas são uma festa feita por todo o povo valenciano e que é aberta ao mundo inteiro. Disse que não poderia haver festa sem o esforço de todos os falleros, artesãos e profissionais que trabalham duro durante um ano para que esse momento fosse possível. Também mencionou que os falleros são tanto professores quanto alunos na festa, ou seja, ensinam e aprendem todos os dias. Segundo Marina “os falleros são o motor de uma festa que vive uma herança histórica que nos faz ser um povo rico em cultura e tradições, cheio de tolerância e que é embaixador da solidariedade”, fazendo referência as atividades solidárias que as comissões realizam no seu entorno, e continua “são parte de uma festa que não tem limite, que é arte e história viva, que valoriza suas raízes, trabalha seu presente e constrói uma Valência radiante no futuro. Porque ser Fallas nos faz grandes, porque ser fallero é fazer história”. Fez menção a adjetivos que segundo a mesma identificam o povo valenciano, “somos um povo hospitaleiro e criativo. Somos um povo inclusivo, que defende a convivência e a língua valenciana”. Convidou todo o mundo para desfrutar da “melhor festa do mundo” e acrescentou que é uma festa multissensorial, que mexe com todos os sentidos acrescentando que “as Fallas são efêmeras, mas nosso amor por elas é eterno”. Finalizou com a famosa frase “*visca València...i visquen les Falles*”.

Logo após o término do discurso da Fallera Mayor, a Torre volta com a iluminação estampando La Sereña e o hino da Comunidade Valenciana começa a tocar. O momento foi emocionante. Observando as pessoas, era nítido o orgulho em cada um, com alguns até esboçando um choro. Enquanto me distraía olhando ao redor e fazendo anotações, um senhor me cutuca e faz com a cabeça para me concentrar no hino. Ao final pude conversar pelo menos um pouco com ele, que se chamava Davi, e dentre umas e outras me disse uma frase que ainda iria escutar muito durante a festa: “nas veias do valenciano não passa

somente sangue, passa sangue, pólvora e orchata’’. Naquele momento não fazia tanto sentido assim, mas que aos poucos começaria a entender. Se dispararam mais um pouco de fogos de artifício e o senhor se despede com um sorriso no rosto e dizendo ‘meu filho, alegre-se, já estamos em Fallas’’.

1.2 MASCLETÀ

Do dia primeiro até o dia 19 de março, exatamente as duas horas da tarde se dispara na *Plaza del Ayuntamiento* a Mascletà. É considerada como a mais genuína variante da pirotecnia valenciana e o ato preferido de muitos valencianos. A Mascletà é diferente. É o disparo ininterrupto de diversos tipos de bombas durante cerca de 8 minutos cujo seu objetivo primordial é produzir barulho. O que é um verdadeiro pânico para um turista desavisado, e até para o avisado, para um valenciano é uma sinfonia para os ouvidos. O espetáculo tem um método, um disparo rítmico que começa suavemente e aos poucos vai aumentando até chegar no final apoteótico.

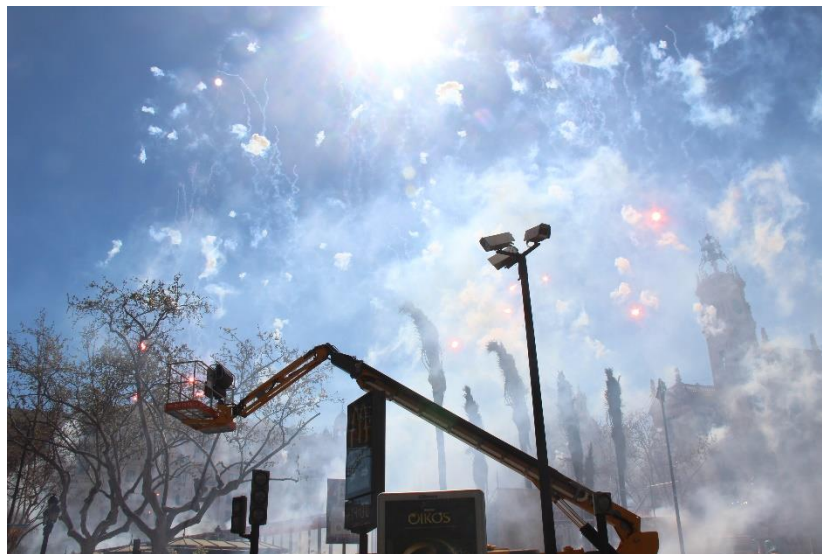


Figura 19 - Mascletà

Fonte: Arquivo pessoal

A Mascletà é um ato difícil para um não valenciano entender. Talvez por isso ela é tão amada. O sentimento de identidade coletiva valenciana naquele ato é impressionante, como se todos tivessem ali apreciando o que só eles conseguem apreciar.

Pude presenciar as 19 Mascletàs e acredito que só fui começar a entendê-la e apreciá-la nas últimas. Na primeira vez que estive em uma, perguntei a um valenciano que estava ao meu lado o que ela tinha de especial, pois a princípio para mim era apenas barulho. Marco, o valenciano, respondeu com uma cara emburrada: ‘‘isso é uma heresia. Presta atenção na próxima vez, é um espetáculo que vai crescendo, milimetricamente calculado. É uma música celestial’’. Cada dia se apresenta uma empresa pirotécnica diferente, que a cada ano utilizam o que há de mais novo na indústria de explosivos, e tem seu nome estampado nas enormes grades de ferro que distanciam o local onde estão as bombas da rua. Dali, há um espaço de 10 metros, onde se encontram os policiais, bombeiros e paramédicos, e só depois o público.

Algumas Mascletàs tiveram temas especiais, como por exemplo a do dia 2 e 9, sendo a Mascletà *de colores*, na qual ao meio do barulho se acrescentavam fogos de artifício, do dia 8, dia das mulheres e do dia 18, dia do centenário do clube de futebol da cidade, o Valência CF. No entanto, a Mascletà que mais me marcou foi a da empresa madrilenha Vulcano no dia 17 de março.

A semana fallera inicia-se no dia 15 e vai até o dia 19, logo dia 17 era exatamente o meio da grande festa. E ainda por cima era domingo. Nunca tinha visto tanta gente em Valência em 10 meses morando naquela cidade. Muitos utilizavam as cores da Comunidade Valenciana e também os *pañuelos* de fallas, um lenço azul quadriculado com branco, que iam no pescoço ou preso na cabeça para proteger do sol. Todos os estabelecimentos estavam lotados, restaurantes, lojas, mercados, etc. Sabendo disso, saí cedo para visitar algumas fallas artísticas, que já estavam plantadas, e dali já iria fazer o caminho para a *Plaza del Ayuntamiento* para chegar com bastante antecedência. Na semana fallera é preciso chegar na praça com pelo menos 3 horas de antecedência, senão é impossível chegar sequer nos arredores dela tamanha a quantidade de pessoas. É comum as pessoas trazerem lanches e bebidas e organizarem um verdadeiro piquenique enquanto esperam. Muitas vezes essa espera não é em pé, como o tempo é muito longo, as pessoas se juntam e sentam em grupos no meio da rua, fechada para o trânsito de automóveis. O petisco preferido para a espera da Mascletà, é a *pipa*, a semente de girassol, deixando a rua cheia deles. A cidade não se estrutura com mais lixeiras durante a festa, no entanto de tempo em tempo um carro de lixo passa pela multidão sugando tudo o que está no chão. Enquanto espera, ambulantes ilegais vendem cerveja dentro de mochilas, o que me deixou

intrigado, pois a empresa patrocinadora da festa, que é de cerveja, poderia organizar essa venda de maneira legalizada e facilitar a compra de inúmeras pessoas.

Outro acontecimento que cabe destacar na espera do espetáculo pirotécnico é a grande presença de grupos de batucada. Batucada é um ritmo de percussão afro-brasileira muito comum no carnaval e que é amplamente difundido na cidade de Valência durante todo o ano, com escolas e grupos formalizados. Durante as Fallas é fácil encontrar grupos de batucada tocando na rua e praças recolhendo dinheiro do público que queira contribuir “no chapéu” e em eventos abertos ou privados de comissões, como é o caso na inauguração da iluminação de muitas ruas que possuem fallas artísticas. As festas populares são dinâmicas, fazem um paralelo entre passado e presente, e a batucada aos poucos vai se consolidando como um acontecimento marcante nas ruas da cidade durante o período fallero. Essa relação entre tradição e inovação é algo que traz vitalidade a festa. Ao conversar nas ruas com valencianos sobre a questão da introdução da batucada nas Fallas, obtive, para minha surpresa, respostas positivas. A maior parte dos valencianos que conversei sobre o assunto acreditam que o ritmo traz uma animação maior a festa e que, mesmo sendo totalmente diferente da música tradicional fallera, se incorpora ao dia a dia festivo. Por outro lado, pelo fato das Fallas representarem coletivamente o ser valenciano, acredito que ainda levará muitos anos para talvez se tornar algo típico da festa e sair da informalidade das ruas e eventos de comissões.

A *Plaza del Ayuntamiento* é a Praça de Prefeitura, onde acontece os principais eventos da cidade e conta com, além do Palácio da Prefeitura, o Edifício dos Correios, Cinema, inúmeros restaurantes e redes internacionais de fast food, farmácia, lojas de *souvenirs*, hotel e a falla municipal, que nesse ano foi uma enorme estátua greco-romana com intervenções da cultura urbana, como grafittis e pichações. No meio da praça, ao lado da falla artística, encontra-se a estrutura para a Mascletà. Enormes grades de ferro de 6 metros de altura rodeiam o interior da praça, onde dentro delas estão todos os explosivos. Do alto da varanda do Palácio da Prefeitura encontram-se as Falleras mayores e suas respectivas Cortes de Honra, que sinalizam para público como verdadeiras rainhas da festa.

Em todas as Mascletàs faltando 10 minutos para o ato, uma primeira bomba é disparada. Faltando 5 minutos a segunda. Quando dá 14 horas, a Fallera Mayor de Valência anuncia: “*’Senyor pirotècnic, pot començar la mascletà’*”, e então começam os bombardeios. Enquanto a Fallera Mayor fala, a Fallera Mayor Infantil e a Corte de Honra

realizam o mesmo aviso na linguagem de sinais, simbolizando que é uma festa para todos. Junto com “*visca valència.. y visquen les Falles*” , são frases as mais icônicas e difundidas durante os dias da festa. É comum estar andando na rua e escutar crianças, e até adultos, gritando *senyor pirotècnic, pot començar la mascletà!!*

Assim que começa o espetáculo percebe-se nitidamente quem é valenciano e quem não é. O valenciano observa, quase que como estivesse hipnotizado, as bombas estourarem. Sorriem de canto de boca, como se estivessem orgulhosos. Batem palma a cada fim de um estrondo maior. Olham para o seu acompanhante e fazem comentários sobre as explosões e segundo os mesmos, escutam uma melodia no barulho. Essa é a diferença da Mascletà, ela tem ritmo e de acordo com um amigo valenciano, ela tem vida. Mas também são criteriosos, não presenciei em nenhum momento, mas dizem que caso a Mascletà não seja boa, eles ficam em silêncio e não batem palma como forma de protesto. Já os não valencianos, turistas e residentes, escutam apenas barulho, muito barulho. Existe um momento que parece que as janelas dos prédios vão estourar e a cidade vai explodir. É realmente impressionante. Observando principalmente os turistas, é possível perceber o quanto eles não estão entendendo aquele momento. Alguns colocam as mãos no ouvido tentando diminuir o efeito do som, outros riem e fazem sinal como se não estivessem aguentando mais. Enquanto isso, o céu começa a ficar preto de tanta fumaça e cai pedaços de papel frutos da explosão das bombas. A Mascletà segue. Os 7 minutos de barulho intenso parecem 40 e daí chega o final. Explosões uma atrás da outra, barulho aumentando até o limite. Uma última bomba finaliza o espetáculo como o fim do mundo. Nesse instante, as grades que separam o público se abrem e todos os valencianos correm em direção ao centro da praça para bater palma e ovacionar o artista pirotécnico, enquanto se abraçam e cantam *València en falles* que começa a tocar nos autofalantes. O momento é emocionante.

A multidão se dispersa e calmamente se dirigem a outros pontos da cidade para observarem as fallas artísticas e outros atos. Mesmo havendo centenas de milhares de pessoas, o policiamento não é muito visível, apenas nas ruas que cortam a praça, onde faltando alguns minutos para o espetáculo começar, eles interditam. Porém, não presenciei nas dezenove oportunidades, sequer uma briga ou confusão. O que ocorria com frequência eram pessoas passando mal, pelo calor ou pelo excesso de álcool, que tinham que ser direcionadas ao centro médico que havia na praça.

Antes de finalizar o tema, é imprescindível apontar outro tipo de demonstração pirotécnica durante as Fallas. Essa é a pirotecnia informal, de valencianos comuns, que lançam continuamente bombas, chamadas de *petardos de trueno*, em qualquer espaço livre de uma calçada, praça ou rua, no horário permitido por lei do dia 14 ao 19 de 7:30 as 2 horas da manhã. Durante a semana fallera, Valência se transforma em uma espécie de baú de pólvora e desde manhã até tarde da noite o barulho não para. Existem lojas espalhadas pela cidade especializadas em vender bombas. No local, há opções para todas as idades, e é tradição o pai, mãe, avô, avó, etc. comprar e ensinar a criança a soltá-las. Normalmente as crianças possuem uma caixa de madeira, onde dentro encontram-se os explosivos e é bastante comum ver adultos e crianças se divertindo juntos em um momento familiar de sociabilidade. Em um momento perguntei a um pai se ele não tinha medo do seu filho, que não tinha mais de 4 anos, se queimar e ele respondeu de imediato: “Não, se você tem medo de se queimar é melhor não viver em Valência e muito menos vir as Fallas”. Essa participação infantil no ato de soltar bombas é importante para a perpetuação da tradição valenciana, é algo que vão fazendo desde muito novos e daí vão passando de geração em geração.



Figura 20 - Crianças e suas caixas de explosivos

Fonte: Arquivo pessoal

1.3 PLANTÀ

É o momento onde os monumentos, as fallas artísticas, estão prontas e localizadas onde serão queimadas na Cremà. A Plantà das fallas infantis ocorre na manhã do dia 15 e a das fallas adultas no dia 16. A Plantà marca o início da semana fallera, é um dos atos mais esperados da festa e expõe na rua o trabalho de um ano inteiro.

As fallas artísticas são uma representação. Segundo Costa em Belda (2017, p.98) um artista as qualificou como sendo “uma peça de teatro estática”. São monumentos que possuem uma figura ou composição central de vários metros de altura, chegando os mais altos até a 40 metros, rodeados de inúmeras figuras chamadas de *ninots*, compostos de cartão pedra e poliuretano ou poliestireno que são sustentadas por uma armação de madeira, o tablado. Ao redor do monumento há cartazes com mensagens em valenciano no qual explicam cada cena, sempre com sentido satírico e crítico. Os temas variam, no entanto, segundo Belda (2017) é possível resumir os mais frequentes em três grupos: Temas da vida social e política, temas que fazem apologia ao costume valenciano e temas fantasiosos e mitológicos.



Figura 21 - Falla del Pilar

Fonte: Arquivo pessoal

Existem 392 comissões falleras, que plantam, contando falla adulta e infantil quase 800 monumentos na cidade de Valência. As fallas são separadas por seções, sendo

a *sección Especial*, a mais importante e que juntam as comissões falleras que plantam as fallas com maior aporte financeiro. Elas competem pelo prêmio de melhor falla e são as mais trabalhosas para se visitar, tamanha é a quantidade de pessoas com o mesmo objetivo. As outras seções são *sección Primera A*, *Primera B* até a *Séptima C*, que é a mais baixa. Existem ainda duas fallas que não competem, que são as fallas municipais infantil e adulta e que se encontram no meio da *Plaza del Ayuntamiento*.

Dia 16 todas as fallas artísticas estão devidamente plantadas. São apenas quatro dias para percorrer a cidade e apreciar o máximo de monumentos que conseguir. A maioria das pessoas buscam as fallas da Seção Especial e da Primeira A, ocasionando em um verdadeiro caos nos arredores das mesmas. Ao lado de cada falla, há a falla infantil, menor em tamanho, tendo no máximo uns 3 metros, e a *carpa*, uma grande estrutura parecendo uma barraca, onde a comissão responsável pela falla se estabelece, se relaciona, dão festas, jantares e socializam. Para poder observar as principais fallas é necessário ter paciência. Há pessoas em demasia e pode demorar até 30 minutos até conseguir chegar perto. Elas são rodeadas por pequenas estruturas de metal de meio metro, com o objetivo de não deixar a multidão se aproximar demais. Para passar por essa estrutura e chegar bem perto dos principais monumentos é preciso pagar entre 1 e 5 euros. Ao lado se encontra uma espécie de recepção que vende os *llibrets*, base da literatura fallera, que conta em tom poético sobre a falla e outros diversos temas, e outros *souvenirs falleros*.

É impressionante o grau de detalhes de cada falla, são verdadeiras obras de arte. É impossível um visitante não olhar para elas e não sentir pena de colocar aqueles monumentos tão bonitos, que demandaram tanto trabalho e dinheiro, brevemente ao fogo. Quando estava visitando a Falla del Pilar, pude escutar um menino sentado em cima dos ombros do pai perguntando o porquê de queimar ela, pois era tão bonita. O pai riu e disse que era a tradição valenciana e que traria renovação e vida nova a todos. Contudo, não são exatamente todas as fallas que tem o seu destino o fogo. Todo ano é elegido mediante voto popular o *ninot indultat*, que é o *ninot* escolhido para ser salvo e assim ser exposto no Museu Fallero, junto com os representantes dos anos passados. Além dele, alguns cargos de importância, como as Fallera Mayores e o Presidente infantil, podem levar um *ninot* de recordação.

É curioso observar que enquanto as fallas dos grupos principais agrupam uma multidão de visitantes, existem outras centenas que parecem muitas vezes esquecidas ali

no meio da rua. Pelos visitantes claro, pois para a vizinhança a falla é um símbolo importante e sempre ao redor dela são elaborados almoços, bailes e concertos. Fui chamado para participar de um almoço desses em uma falla perto de onde eu vivia, na Falla Nador Miraculosa da sección *Quinto B*. Desde o dia que a falla foi plantada, passava por essa rua e tirava umas fotos, seja da própria falla artística, seja das pessoas confraternizando e jogando bombas. No dia 19, último dia da festa, um senhor, chamado Angél, me chama e diz se não gostaria de desfrutar da “melhor paella valenciana” que existe. Aceitei e fiquei por ali a tarde toda. A rua é estreita e fica um pouco escondida e é quase impossível chegar um visitante desavisado por ali e visita-la. A falla foi construída exclusivamente para os vizinhos e a rua, que desde o dia 15 era pacata, se transformou em um verdadeiro clube, com múltiplas atividades diárias. Ali soltei bombas com crianças, comi além da paella, os tradicionais doces falleros, churros e buñelos de calabazas, conversei e pude entender melhor o sentimento fallero, o papel socializador que a festa tem na vizinhança e a sua importância. Angél me disse que “as Fallas servem para unir Valência, esse é o objetivo dela. O fogo, a pólvora, as cores, músicas, o que for são secundários. E ela vai unindo pouco a pouco, de vizinho para vizinho, de bairro para bairro, de Juntas para Juntas, até chegar a cidade inteira”. Acrescentou dizendo que nem todos os valencianos amam as Fallas, mas que o impressionante é que “até quem não gosta delas, pelo barulho, confusão e turistas, não deixa um estrangeiro falar mal. Apenas um Valenciano pode falar mal das Fallas”. Ali também descobri que as crianças precisam fazer suas próprias fallas na escola como um trabalho escolar, e que acaba ocasionando em mais um momento de sociabilidade, nesse caso, em sua casa, onde pais e mães / responsáveis, ajudam a criança a montar o seu *ninot* e desfrutam de um momento em conjunto com a família.

Se visitar uma falla de dia é incrível, a noite ela ganha ainda mais vida, pois durante os dias de festa, as ruas que cercam as fallas artísticas possuem uma iluminação especial. Há concurso de rua com a melhor iluminação e as fallas do grupo especial fazem um verdadeiro espetáculo. Nesse quesito o bairro de Russafa se destaca, principalmente com as fallas Sueca- Literato Azorin e Cuba-Literato Azorin.

1.4 OFERENDA DAS FLORES

As Fallas são uma festa que utiliza símbolos indenitários valencianos. Por essa razão, há uma gama de atos que possuem uma grande carga emocional. Se a Crida, Mascletà e a Plantà, explicados anteriormente, trazem emoção para todos os presentes, a Oferenda de Flores a Virgem dos Desamparados não é diferente. No entanto é um ato especialmente emotivo para os falleros, que muitas vezes choram durante o festejo.

A Oferenda consiste em uma pequena peregrinação, ou desfile, de todas as comissões, desde a falla até a *Plaza de la Virgen*, onde cada mulher, criança e adulta, acompanhada dos homens, leva um ramo de flor para uma grande figura da padroeira da cidade de Valência, a *Mare de deu*. É o ato mais participativo das Fallas, conta com aproximadamente 100.000 falleros, onde desfilam com o traje de gala da indumentária tradicional fallera. Dessa maneira, as ruas da cidade se transformam em uma espécie de passarela e a Oferenda em um verdadeiro espetáculo, onde passado e presente se unem.

A Oferenda ocorre nos dias 17 e 18 de março, começando as 15:30 e terminando no início da madrugada. Cada comissão sai caminhando do seu *casal* em direção a praça, com exceção das comissões que se situam muito longe, essas chegam de autocarro até os arredores e daí começam a peregrinação. Em um determinado momento, com hora marcada, uma parte das comissões entra com suas bandas de música pela *Calle de la Paz* e outra pela *Calle de San Vicente*, e desembocam na *Plaza de la Virgen*, onde a figura da santa está localizada.

Dia 18, como já me encontrava na *Plaza del Ayuntamiento* devido a Mascletà, optei por caminhar até a *Calle San Vicente* e esperar a chegada das comissões. No dia anterior pela manhã, pude presenciar a figura da padroeira no centro da *Plaza de la Virgen*. A figura é um monumento de aproximadamente 14 metros feito de madeira. Há espaços livres entre cada pedaço de madeira, de modo que eles vão preenchendo e fazendo desenhos a partir da chegada das primeiras comissões com os seus ramos de flor. Como as comissões começam a chegar na praça por volta das 15:45, na parte da manhã havia apenas o ‘esqueleto’ do que mais tarde se tornaria um lindo manto feito de flores.



Figura 22 - Representação da Virgem dos Desamparados

Fonte: Arquivo pessoal

A multidão de visitantes começa a aglomerar nas calçadas e as primeiras comissões, divididas por setores, começam a aparecer. É um espetáculo lindíssimo. Cada comissão ostenta seu estandarte, suas Falleras Mayores, seu presidente e todos os outros componentes. Chama a atenção a grande presença de crianças no desfile. Dentro de cada comissão há a parte infantil, com sua Fallera mayor, diretoria, membros e falla própria, no entanto visivelmente só é possível observar essa importância no momento em que é visto todos nas ruas. O fato de haver bastante participação infantil na festa é importante para haver a continuidade da tradição, passada de geração em geração. Além da grande presença infantil, também é visto com frequência bebês em carrinhos, idosos, pessoas com deficiência física ou mental e imigrantes. É visível a força da participação popular nas Fallas e a mensagem de que é uma festa do povo valenciano, porém para todos.

A Oferenda é sustentada pela fé a padroeira da cidade, mas fica evidente o outro lado, que foge um pouco do aspecto religioso, que é o de memória, paixão e emoção. Independente das crenças religiosas de cada um, naquele momento os falleros se veem imersos a um clima de emoção compartilhada. Não é difícil ver falleros chorando durante a caminhada, principalmente as falleras. Além do fator da solenidade do ato, da presença maciça de falleros, da indumentária, do aroma das flores, da própria oferenda e imagem da santa, há pessoas que acreditam na *llumenà*. Após conversar com alguns falleros sobre o porquê de tanta emoção e choros, a maior parte deles mencionou a *llumenà*. Esse

fenômeno, segundo conto popular, é um sentimento de sensibilidade extrema, que leva algumas falleras a reviverem em questão de instantes, os episódios mais significativos de sua vida quando adentram a *Plaza de la Virgen* e se deparam com a imagem da *mare de deu*.

Ao falar das falleras, é impossível não se deslumbrar com as Falleras Mayores. Elas desfilam separadas do grupo, possuem acessórios, penteado e trajes impecáveis, o que chama uma atenção maior a elas. São ovacionadas a todo o momento e saúdam o público com sorrisos e gestos. A todo momento um fallero se encontra com um conhecido na multidão, que param, trocam algumas palavras e seguem com o desfile. É curioso também algumas atitudes de policiais, que se “aproveitam” da sua localização privilegiada e tiram selfies com alguns falleros, principalmente com as Falleras Mayores.



Figura 23 - Oferenda das Flores

Fonte: Arquivo pessoal

O caminho para chegar a praça fica tumultuado, são milhares de pessoas amontoadas para poder ver e tirar fotos do momento em que as comissões chegam a

imagem da Virgem. Com bastante paciência, cortando caminho por ruas onde não tinham fallas ou desfile, pude chegar no local e ficar ali por bastante tempo. Na praça há quase uma dezena de restaurantes, todos lotados, algumas sorveterias, que faziam a alegria da multidão, pois naquela tarde fazia 32 graus, e duas barracas de comidas tradicionais falleras, com o *buñuelo de calabazas*, churros e chocolate. Nesse momento, metade do segundo dia de Oferenda, a construção de madeira já possuía bastante flores e já era possível observar os seus desenhos. O processo é o seguinte, a comissão entra ao som de sua banda e as falleras vão deixando no chão as suas flores. Há trabalhadores no local, onde sua função é pegar essas flores e ajeitá-las tanto na imagem da Virgem como em outros lugares ali próximos.

A Oferenda do ano de 2019 teve um ato marcante e que provavelmente se manterá e virará uma tradição do festejo. No dia 17, primeiro dia de Oferenda, tocou pela primeira vez ‘*Valencians vingau*’, música criada por dois irmãos falleros dedicada a Oferenda e que já é chamada de Hino da Oferenda de Flores da Virgem dos Desamparados. A música, tocada por uma banda e interpretada por Aisha Bordàs é inspirada no povo valenciano e no fervor que desperta o festejo. Na primeira estrofe a *llumenà* é citada quando o sentimento do ato é abordado e possui o refrão: ‘*Valencians alceu-se en peu, valencians de naiximent o valencians de sentiment. Valencians alceu-se en peu, valencians a la Mare de Deu*’, o que entende-se como os valencianos, de nascimento ou de sentimento se põem de pé para a Mãe de Deus, a Virgem dos Desamparados. É a festa se reinventando, criando novos símbolos, mantendo a balança da tradição e inovação equilibrada, reforçando que as Fallas não são uma festa engessada, ela ‘*mantêm-se pela tradicionalidade e não pela sobrevivência do passado*’ (Caponero, 2009, p.87).

A Oferenda é finalizada no dia 18 com a entrada da última falla, que é a da Fallera Mayor de Valência. A sua comissão não participa do desfile junto com o seu setor e de forma excepcional é a última a desfilar, como uma forma de privilegiar a comissão por ter a máxima representação fallera. Também participam desse último momento as cinco últimas Falleras Mayores, que recebem todo o carinho do público que se mantém na praça até a madrugada. Após a finalização do festejo, todos se encaminham para o parque rio Túria para a *gran nit del foc*, um espetáculo de fogos artificiais.

1.5 CREMÀ

A Cremà é o ato que simboliza o fim das Fallas. Consiste na queima de todos os monumentos artísticos plantados nas ruas de Valência. É um ato que festeja a entrada da primavera e que representa simbolicamente a destruição do nocivo e a renovação vital de um novo ciclo que começa imediatamente depois. A nível internacional é o que chama mais atenção do público e é o que dá sentido à festa, mostrando toda a sua grandeza.

O ato ocorre no dia 19 de março, dia do padroeiro São José. Inicia-se com a queima das fallas infantis as 22 horas, sendo a Falla Maestro Gonzalbo, vencedora da seção especial, queimada as 22:30. As 23 horas é queimada a Falla municipal infantil na *Plaza del Ayuntamiento*. Meia noite inicia-se a Cremà das fallas adultas, com a falla vencedora da seção especial sendo queimada meia noite e meia, nesse ano a L'Antiga del Campanar. Uma hora da manhã começa a queima da Falla Municipal '*Procés creatiu*' com a presença de autoridades e da Fallera Mayor de Valência.

Dia 19 é o dia de fogo na cidade de Valência. Por volta das 19 horas ocorre a *Cabalgata del Fuego* nas ruas Ruzafa e Colón, concluindo na praça Porta de la Mar. Durante o ato centenas de pessoas desfilam em pé ou em cima de carros alegóricos disfarçados de demônios e figuras do submundo. É um espetáculo fascinante de exaltação ao fogo e confuso se pensar que no dia anterior houve um ato religioso, como é a Oferenda. As calçadas lotam de espectadores para desfrutar do ato que precede a Cremà. As inúmeras crianças presentes ficam impressionadas com os jogos e brincadeiras que realizam com o fogo. Por vezes parece que as chamas vão atingir o público, mas nada acontece e segue o desfile.



Figura 24 - Cabalgata del Fuego

Fonte: Levante – emv

As fallas não são todas queimadas ao mesmo tempo, a partir de meia noite elas começam. Isso se deve ao fator segurança, pois é preciso toda uma preparação do corpo de bombeiros para atuar no controle das chamas. Dessa forma, diversos carros de bombeiros são distribuídos por zonas e dali vão atuando e passando para outras fallas. Como era preciso escolher uma falla, optei pela Falla Avenida Regne de Valencia – Duque de Calabria, pertencente a seção especial e cheguei por volta de 23:30. Esperava que por ser uma falla da seção especial haveria muita gente esperando e guardando um lugar com boa visão, no entanto, assim que cheguei, não tinha mais que uma dezena de pessoas no local. A falla infantil já se encontrava em cinzas, então, fiquei por ali contemplando o monumento e observando a movimentação dos falleros pertencentes a comissão.

No momento de espera comecei a conversar com um casal de senhores que estavam sentados em frente ao monumento. Eles me disseram que atualmente as fallas só possuíam versos tontos que não diziam nada e que fugiam do seu verdadeiro significado. Por curiosidade, perguntei o real significado e eles me responderam com total convicção que o ato de queimar os monumentos é um rito valenciano de justiça, uma maldição. Disse que os antigos valencianos do campo queimavam espantalhos e escreviam uma sentença na frente deles. Apenas pessoas puras poderiam fazer o rito e possuía um passo a passo que teria que ser realizado da maneira correta, pois caso não fosse, a maldição se voltaria para quem a fizesse. Se ocorresse tudo de acordo, era possível ver o rosto da

pessoa amaldiçoada quando o espantalho queimasse. Finalizou dizendo que hoje é muito difícil ver alguma falla verdadeira, no entanto, se procurar bem, é possível achar algumas pequenas onde os artistas seguem o passo a passo do rito valenciano de justiça. Essa teoria, que a priori pensei ser apenas uma história do senhor, é uma teoria difundida e defendida por alguns autores.

Perto de meia noite inicia uma forte chuva, fazendo com que os presentes no local procurassem algum abrigo. Durante todo o período que estive esperando, os falleros, calmamente iam preparando o monumento para a queima. Trocam *ninots* de lugar, ajeitam os cartazes, deixam tudo preparado. Por volta de uma hora da manhã chega o corpo de bombeiros e começa a preparação final para a queima. Cada comissão possui um ritual próprio para a queima das fallas, mas normalmente começa com uma janta coletiva de confraternização e termina com a fallera mayor ateando fogo no monumento.

Mesmo com a forte chuva que fazia, muitos se aproximaram do monumento no instante que apareceu a Fallera Mayor com seu traje tradicional e o presidente da comissão. Após algumas conversas, um senhor com guarda-chuva acompanhou a Fallera Mayor até o local onde havia uma estrutura com um fio que fazia a ligação de maneira segura até o monumento. No momento que a Fallera Mayor acendeu o fio e ele foi queimando até chegar a falla os olhos das pessoas estavam vidrados e a chuva, que estava instensa, não importava mais. Assim que chega ao monumento ele começa aos poucos pegar fogo, quando de repente começam a explodir bombas na parte interior e o fogo se encontra com material combustível. Nesse instante as chamas se alastram e se torna um verdadeiro espetáculo de fogo. Os bombeiros começam a atuar controlando as chamas, para que não acabe queimando as pessoas ou chegando aos edifícios, que estão muito próximos.



Figura 25 - Cremà

Fonte: Arquivo pessoal

A sensação de vivenciar de perto a Cremà é algo indescritível. Saber que além do efeito sensorial, existe a simbologia do ato que muitas vezes é incompreendido. Os valencianos acreditam que o fogo purificador das Fallas é o que faz possível que a festa renasça das cinzas e ocorra ano após ano. O fogo como destruição de passagens ruins e uma renovação para novos acontecimentos. O fogo como quebra de ciclos, esperança, vida nova.

Mesmo com a forte chuva o fogo continuava de pé quando decidi voltar para casa. Ali naquele exato momento as Fallas estavam terminando e ao mesmo tempo renascendo para o próximo ano. No caminho ainda pude passar por mais umas 10 fallas, algumas em cinzas, outras com pequenas chamas. A última que passei foi a Falla Nador Miraculosa, onde passei bons momentos no início da tarde do mesmo dia. Incrivelmente não se escutava mais nenhum barulho nessa noite e nem nos dias seguintes. As Fallas de 2019 havia terminado e a preparação para 2020 apenas iniciado.

2. COMISSÃO FALLERA, SÍMBOLOS E SOCIABILIDADE

A festa interessa aos valencianos. As Fallas é mais do que um processo ritual caótico, desordenado e espontâneo. É um fenômeno sócio cultural que tem duas facetas, a primeira é a inversão da ordem cotidiana, o barulho, as bombas e fogos de artifício, as procissões e desfiles, os shows, bailes e festivais, a alegria e espontaneidade. A segunda é a parte organizacional. Toda uma rede de vizinhos que se esforçam durante todo o ano para fazer possível que a alegria e animação estejam presentes nos dias de festa. Uma sólida rede organizacional de associações e comissões que possuem uma participação ativa e frequente e que fazem a festa acontecer. É o que chamam de *pensat i fet*, o pensar e fazer valenciano (Cucó i Giner em Ariño, 1990).

As comissões falleras seguem como unidade essencial da festa. Até o presente momento, estão catalogadas no censo 392 comissões, na qual contam com a participação de aproximadamente 100.000 falleros de forma direta e provavelmente o triplo desse número de forma indireta. Levando em consideração que a cidade de Valência possui 750.000 habitantes, é impressionante como as Fallas se inserem de maneira tão intensa no modo de vida do valenciano.

Como dito anteriormente, as comissões são grupos encarregados de organizar, difundir e celebrar a festa em sua localidade geográfica, garantindo a transmissão por gerações de todos os valores, práticas e rituais presentes na festa. Cada comissão tem suas raízes num bairro de Valência ou numa área menor como ruas. A sua atividade não se restringe aos dias centrais da festa. Durante todo o ano elas organizam atividades variadas, como teatros, bailes, competições, reuniões mensais, exaltação das suas *falleras mayores*, festas infantis, edições do *llibret* loterias e visitas a oficina dos artistas falleros, assim como atividades culturais e solidárias. É comum escutar pelas ruas que ‘as Fallas se iniciam no dia seguinte a Cremà’.

A sociabilidade e o espírito coletivo que ocorre nas Fallas e principalmente nos bairros e comissões é algo que impressiona. O fato de haver inúmeras associações em cada bairro, onde coletivamente realizam inúmeras atividades voluntárias para sua rua e entorno com o objetivo final de por sua falla na rua é algo a se observar mais atentamente. Um dos sociólogos que mais estudou essa vertente da sociabilidade nas Fallas foi Xavier Costa tanto na sua tese de doutoramento quanto nos seus trabalhos posteriores. A partir

do trabalho de Costa (2003) denominado *Sociabilidad y esfera pública em la fiesta de las Fallas de Valencia*, Belda (2017) resumiu as principais características sociológicas de uma comissão de falla em 5 blocos: a sociabilidade festiva; a fraternidade e rivalidade; a organização; o universo simbólico das fallas e a esfera pública das fallas.

A sociabilidade festiva se percebe a partir da concepção de que a festa e sua organização exigem um grande trabalho de muitas vertentes, no entanto é algo que os falleros assumem. Se trabalha para a festa e sem trabalho para a falla, não há festa. Os participantes sabem que a organização da festa e sua transmissão no futuro, depende do seu trabalho festivo (Belda, 2017).

Em relação a fraternidade e rivalidade dos falleros, cabe destacar a igualdade como um símbolo de irmandade. Os falleros são iguais na comissão mesmo havendo uma hierarquização, há um compartilhamento coletivo nas atividades referentes a festa (mensalidades, votos, etc). No entanto, destaca o autor que há dois tipos de falleros dentro de uma comissão: o fallero comprometido e o fallero de quatro dias, que só está presente na grande semana, fazendo com que haja discordâncias entre os grupos e algumas ocasiões. No entanto, no coletivo fallero está muito desenvolvido o sentido de solidariedade, altruísmo e caridade, assim como a integração (há muitos imigrantes que entram nas comissões das ruas e bairros para facilitar a sua integração na vizinhança e modo de vida valenciano). Da mesma maneira que há essas características, o fallero tem o espírito muito competitivo, especialmente com a falla artística, fazendo com que haja uma grande rivalidade (Belda, 2017).

As comissões se organizam e se estruturam em uma hierarquia piramidal, com um presidente que representa a máxima autoridade a nível executivo e com uma fallera mayor como maior representatividade a nível simbólico. Há uma vice-presidência, e uma infinidade de delegações, como festejos, informática, loteria, pólvora, etc. que cuidam especificadamente do bom funcionamento da sua respectiva área. O *Casal fallero* é a sede e o coração da comissão. Reflete as características do movimento festivo e em muitas ocasiões a personalidade de cada comissão. É o lugar de reunião, debate, convivência, preparativos, atividades, etc. É também o cenário de celebrações e acontecimentos fundamentais de cada comissão, com alto significado emocional. É considerado muitas vezes a segunda casa do fallero e chega a ser em diversas ocasiões uma referência simbólica do bairro ou rua. Ali marca os principais momentos e os mais emotivos na trajetória dos falleros, trazendo aos componentes uma memória compartilhada. Núcleo

central da sociabilidade das fallas, normalmente conta um salão de convivência, escritório, bar, tablado/palco, cozinha e depósito. É possível destacar, a nível de sociabilidade, três locais: o bar, onde concentra o comensalismo e a conversação, o tablado/palco, onde são realizados os atos mais importantes e emotivos e o escritório, onde é realizado a gestão e toda parte burocrática e administrativa e onde tomam as grandes decisões (Belda, 2017).



Figura 26 - Interior de um Casal Fallero

Fonte: fallasfromvalencia.com

Com o passar do tempo, as Fallas foram criando todo um universo simbólico de elementos que trazem uma identidade a festa. Existem diversos tipos de símbolos, individuais ou compartilhados, permanentes ou efêmeros. Costa (2002,2003) estabelece algumas categorias de símbolos: símbolos e emblemas particulares de cada comissão, símbolos gerais compartilhados e ideal festivo (Belda, 2017).

Os símbolos e emblemas particulares de cada comissão são por exemplo o Casal, o estandarte, a fallera mayor, a falla artística, prêmios e distinções da falla. O estandarte e escudo da comissão são a imagem emblemática, abre todos os tipos de celebrações, atos e desfiles. A fallera mayor é o mais importante símbolo humano de cada comissão, tendo sua representatividade durante um ano. A falla artística tem grande importância, no entanto é efêmera, durando apenas 5 dias nas ruas. A fallera mayor e o presidente infantil em exercício tem o direito de salvar um *ninot* da falla e levar como recordação. Por fim, possuindo um espaço de importância dentro do casal estão os prêmios e distinções, representando o orgulho fallero (Belda, 2017).

Os símbolos gerais compartilhados pertencem a todas as fallas e podem ser divididos em dois grupos: permanentes e efêmeros. Os permanentes são entendidos como símbolos que perduram o ano todo e estão vinculados com a sociabilidade a todo instante, como por exemplo a gastronomia (paella, *buñuelos*, chocolate, churros, etc), a indumentária, a música e a língua valenciana. Em relação a gastronomia há de ressaltar a paella e o *buñuelo*, a primeira enquanto símbolo de valência, que ultrapassa os limites da festa e serve como um ímã interclassista que consegue juntar pessoas de diferentes regiões do país e o *buñuelo*, doce consumido normalmente na semana da festa e que representa simbolicamente todo o esforço, sacrifício, fidelidade e mérito pela dedicação na festa (Belda, 2017).

Existem dois tipos de indumentária no mundo fallero, o de trabalho, chamado de *blusón*, que é unissex e é acompanhado por um *pañuelo*, pano típico da festa, em volta do pescoço estampando o emblema da comissão, e o traje de gala, utilizado nos atos mais importantes. No âmbito masculino existe o *saraguell* e o *torrentí*, com complementos que dependem do poder aquisitivo do fallero, enquanto o feminino existe o traje de valenciana, que possui diferentes versões. Há que se destacar os trajes das falleras mayores, que possuem as cores da bandeira nacional espanhola, se diferenciando da sua corte de honra, que utilizam as cores da bandeira valenciana (Belda, 2017).



Figura 27 - Indumentária fallera

Fonte: Arquivo pessoal

Em relação a música tradicional da festa, é possível destacar três: O hino da Comunidade Valenciana, utilizado como encerramento na maioria dos atos, o *El Fallero*, utilizado de forma alternativo e escutado antes do hino na Cremà e o *Lo Cant de Valencia*, presente em todos os desfiles das comissões e durante a entrada das mesmas na *Plaza de la Virgen* no momento da Oferenda de flores. Por último cabe destacar a língua valenciana, presente nos textos satíricos no entorno dos monumentos artísticos, nos *llibrets* e nos discursos das celebrações oficiais (Belda, 2017).

Como símbolos gerais efêmeros encontramos os desfiles, *cabalgatas*, pirotecnia, flores, falla artística e os *llibrets*. Os desfiles é uma forma de interação entre falleros e público, através de música e trajes tradicionais, é um diálogo festivo entre a tradição e a vida contemporânea. Existem os desfiles formais como A Oferenda a Virgem dos Desamparados ou a Recolhida dos prêmios, mas também existem os informais como a Despertà, onde os vizinhos são convidados e despertados pela manhã ao som de bombas para participar da festa. Dentre os desfiles, há também as *cabalgatas*, que se destacam pelo caráter satírico e transgressor que remete o início das Fallas. Nelas se destacam a *Cabalgata del ninot*, que possui caráter carnavalesco, onde as comissões que optem por participar, desfilam disfarçados e que suas bases valorizam o tema, a originalidade, a intenção satírica, o ritmo, entendimento do público e vestuário e a *Cabalgata del fuego*, que é uma verdadeira exaltação ao fogo, com carros gigantescos com figuras disfarçadas, pólvora, estilhaços e claro, fogo (Belda, 2017).

A Pirotecnia é um dos elementos mais utilizados nas Fallas. Além do uso individual diário que os falleros realizam nas ruas da cidade durante a grande semana, há os grandes atos pirotécnicos como as 19 Mascletàs, a *Nit del Foc*, o *tró de bac* (trono de impacto, tradicional bomba valenciana) utilizado nas Despertàs e na própria Cremà, onde ocorre a mescla entre estouros de bombas e fogo. É importante ressaltar que em Valência se encontram empresas de renome no setor, ganhadoras de prêmios e concursos de fama mundial (Belda, 2017). Um dos momentos em que ocorre uma maior prática da sociabilidade durante a festa é quando pais e filhos, avós e netos, amigos, estouram bombas em conjunto. A tradição do amor valenciano a pólvora passando de geração em geração é algo perceptível a todo momento ao se caminhar pelas ruas.

As flores também ocupam papel importante. Na Oferenda, cada mulher de cada comissão, acompanhada dos homens, entregam um ramo de flor em homenagem a Virgem, no qual segundo a opinião de muitas falleras, é o momento mais emocionante da

feira. As flores também são utilizadas em outros rituais falleros durante o ano e de uma certa maneira representa Valência, junto com outros produtos locais, como a orchata e laranja. A falla artística é um símbolo de cada comissão, pois além de outros aspectos, representa o trabalho de um ano inteiro. Há de se destacar o caráter satírico e crítico dos *ninots*, figuras com representação grotesca do corpo, que juntos formam as cenas. A crítica popular da falla artística, segundo os falleros, satisfaz uma necessidade de limpeza e renovação pelo fogo. Por fim temos os *llibrets*, que nasceu como explicação simples de uma falla em um folheto, normalmente em uma poesia humorística e que hoje evoluiu para um verdadeiro tratado enciclopédico com diversos temas, constituindo como uma base para a literatura fallera (Belda, 2017).

Como ideal festivo temos símbolos cívicos institucionais e religiosos, como a bandeira da Comunidade Valenciana, chamada de *Real Señera*, presente em todos os *Casales* e acompanha o estandarte de todas as comissões em todos os desfiles e aparições públicas. Outro símbolo é o Hino da Comunidade Valenciana, utilizado em demasia durante o ano e no aspecto religioso a grande devoção da maioria dos falleros pela Virgem dos Desamparados, ainda que a festa seja na origem uma homenagem a São José (Belda, 2017).

Como último elemento do bloco, temos a esfera pública das Fallas. Atividades centrais da sociabilidade, como o jogo, o humor, a comensalidade, as conversas, entre outras, são reflexivas, fundamentando um espaço público comum. Segundo esquema de Costa (citado por Belda, 2017) a “esfera pública” das Fallas possuem duas vertentes: uma que se trata das conversas e reuniões sociais cotidianas e sua relação reflexiva com os meios de comunicação em massa, como a televisão e a internet e o outro com os aspectos mais relevantes dos dias de festa, como por exemplo a *cabalgata del ninot* e a falla artística, ambos com crítica satírica. Segundo Costa (2003) “Em contraposição de Habermas, que descarta a esfera pública plebeia, as Fallas indicam que, ao menos em Valência, a esfera pública popular está viva, e que os mitos, longe de haver desaparecidos da vida moderna, podem ainda estar no centro da crítica popular da modernidade”. (Costa, 2003, p.103)

3. FORMULÁRIOS

Durante a pesquisa de campo foi decidido utilizar dois formulários para a pesquisa com o público geral. Um formulário para os valencianos, que será o 1, e outro para os turistas, que será o 2. Todos os dois foram realizados fisicamente. Para os valencianos, o formulário foi aplicado um mês antes da festa, para não ocorrer uma distorção dos dados, principalmente pelos problemas de trânsito, barulho e lotação. Foram cem valencianos que responderam às perguntas, algumas idênticas utilizadas por Ariño (1990) no seu livro *História de las Fallas* e outras próprias. Para os turistas, a mesma quantidade, no entanto, foi realizada durante a festa e somente com perguntas próprias, mesclando de múltipla escolha e preenchimento. Primeiro será exposto e analisado o formulário 1 e logo após o 2.

O formulário 1 é composto por 10 questões, sendo todas de múltipla escolha. Foi realizado durante 35 dias, entre o dia 2 de fevereiro e 8 de março de 2019. Uma preocupação com a elaboração do formulário foi deixá-lo breve, podendo ser respondido rapidamente. Mesmo assim, as recusas foram constantes e era preciso muita insistência para o preenchimento.

Analisando as questões 1 e 2, sobre gênero e idade, foi realizado um gráfico que cruza as duas informações, para definir um perfil básico de quem respondeu o formulário, como nos mostra o quadro:

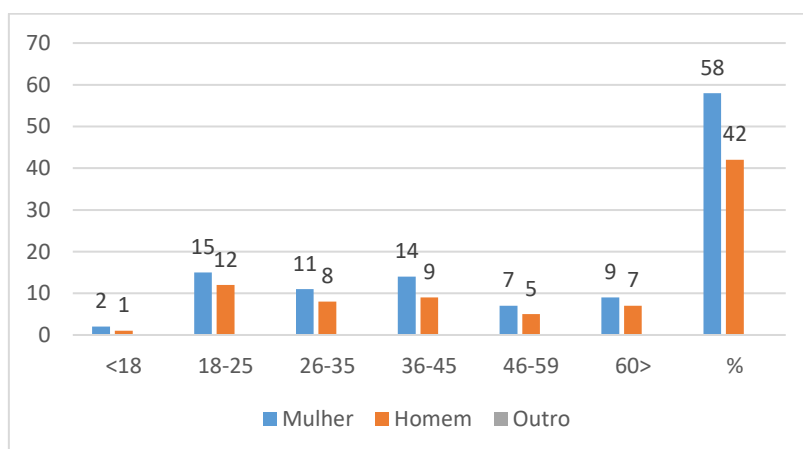


Figura 28: Relação faixa etária e gênero dos valencianos

Fonte: Elaboração própria

Em relação às pessoas que responderam o questionário, as mulheres fazem parte da maior porcentagem, representando 58% das respostas. Como o formulário foi realizado pessoalmente pelo pesquisador, teve uma preocupação de deixar ao máximo essa relação de gênero equilibrada. Há mais respostas nas idades entre 18 e 45 anos pois foram os mais receptíveis a pesquisa.

A questão número 3 do formulário era relacionada ao o que é as Fallas. A pergunta foi utilizada por Ariño (1990) e reproduzida nesse trabalho. É bastante complicada para as pessoas responderem pois quem gosta da festa acredita que as três últimas opções estão corretas, no entanto foi utilizada para poder observar se haveria muita diferença nesses 29 anos. Fica evidente pelas respostas que as Fallas são identificadas como um ponto importante da cultura valenciana. Se em 1990, 49% acreditavam que as Fallas era a Genuína representação da cultura valenciana, nesse trabalho, com um número de entrevistados bastante inferior, subiu para 60%, o que pode ter reflexo com o fato da festa ter se tornado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A porcentagem de quem achava um aborrecimento e uma distorção da identidade valenciana diminuiu, 6% e 6% em 1990 para 3% e 1%, respectivamente, em 2019. As porcentagens como fomento do espírito de bairro, ocasião para se divertir e indiferença se mantiveram quase as mesmas.

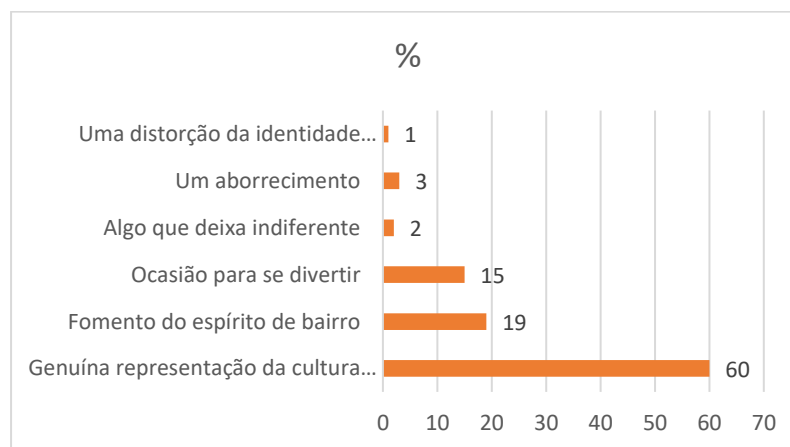


Figura 29: O que são as Fallas

Fonte: Elaboração própria

Analisando a questão 4, de qual símbolo melhor representaria o valenciano, é possível observar como a língua valenciana é valorizada na comunidade. De cem

valencianos, 46% afirmaram que é o símbolo mais importante. Por essa razão é compreensível entender a briga que existe contra aqueles que acreditam que valenciano é catalão. Nas Fallas, a língua valenciana é valorizada, sendo escutada nos grandes discursos, muitas vezes sem tradução, e também nos *llibrets* e cartazes satíricos que se encontram na frente das fallas artísticas.

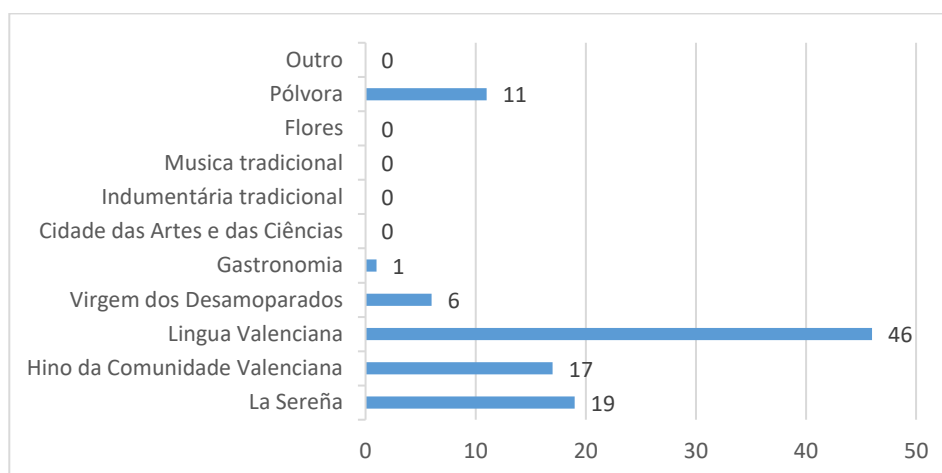


Figura 30: Qual símbolo melhor representa o valenciano

Fonte: Elaboração própria

Analisando as questões 5 e 6 e cruzando as informações, abaixo é possível perceber que a grande maioria (91,7%) dos valencianos que vivem como falleros responderam que o ato preferido é a Oferenda de Flores, o que corrobora com o que foi mostrado no trabalho, onde expõe a Oferenda de Flores como um ato particularmente especial para um fallero. A Cremà, mesmo sendo um ato que chama mais a atenção para a festa, acaba ficando atrás na preferência para a Oferenda e Mascletà, essa, que também conta com bastante empatia dos valencianos. Na pesquisa, houveram poucos que responderam que saem de Valência durante as Fallas, no entanto é costume valencianos de classe média não adeptos a multidões e confusões, irem para suas casas de descanso em *pueblos* próximos durante o verão e Fallas, momentos em que a cidade fica com muitos visitantes.

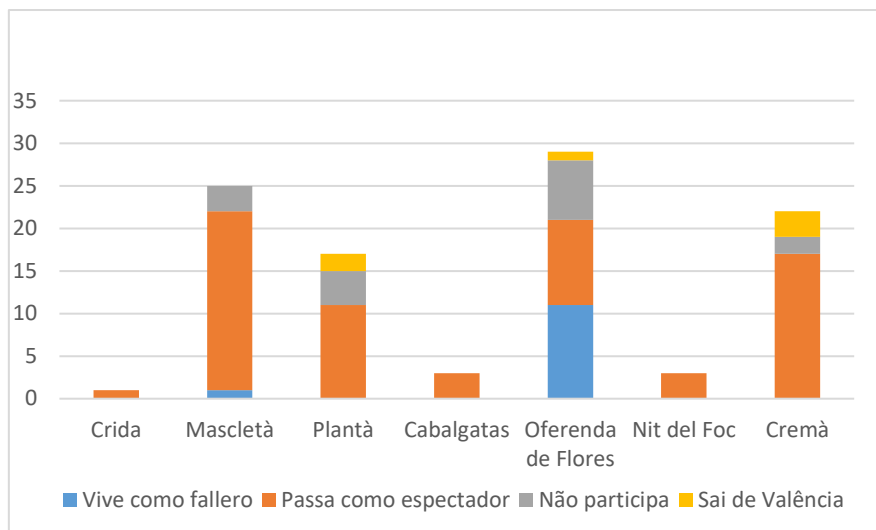


Figura 31: Relação entre a conduta nas Fallas e ato preferido

Fonte: Elaboração própria

Em 2014 a cervejaria Amstel lançou uma campanha na cidade de Valência para poder compreender o porquê de queimarem as Fallas na noite da Cremà⁴. A pesquisa foi realizada com 1800 valencianos anônimos e depois ultrapassou 3000 acrescentando as pessoas que responderam online. As respostas mais destacadas foram: Tradição (19,29%), Espírito de renovação (14,9%) e Necessidade de fechar etapas, queimando coisas que representam atitudes que não gostam (14,2%). Essa foi a questão 7 do formulário, porém optei por retirar a opção tradição, pois é muito abrangente e acrescentei outras três, como homenagem a São José, purificação e simbolização da entrada da primavera.

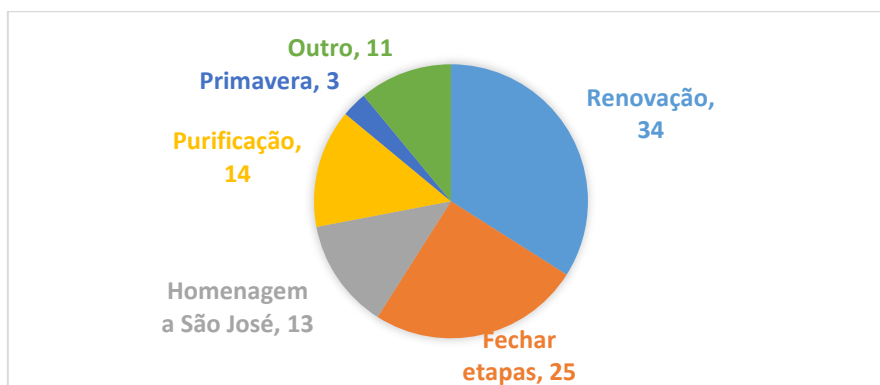


Figura 32: Motivo para queimar as Fallas

Fonte: Elaboração própria

⁴ Disponível em < <https://www.europapress.es/comunitat-valenciana/noticia-valencianos-creen-queman-fallas-tradicion-renovacion-necesidad-cerrar-etapas-20140314165800.html> > acesso 15.09.2019

Todas as opções acima são motivos reais para se queimar as fallas, no entanto, o objetivo foi saber qual deles atualmente é o mais forte no pensamento do valenciano. Sendo esse, o Espírito de renovação, que se encontra como o mais respondido (34%). Opções que remetem mais a origem da festa, como é o caso da celebração a entrada da primavera (3%) e homenagem a São José (13%) se encontram com poucos adeptos e tendem a cair mais com o passar dos anos, visto que em nenhum momento da festa os dois são amplamente difundidos.

A questão 8 foi relacionado a qualidade da festa, se era melhor no passado, no presente ou se sempre foram boas ou ruins. Abaixo é possível perceber que a grande maioria dos valencianos que responderam o formulário acreditam que as Fallas sempre foram boas (83%). É perceptível o respeito dos mais novos com o passado e memória da festa, totalizando 0 pessoas que responderam que as Fallas de hoje são melhores. Respeito pela festa também tiveram as pessoas que optam por não participar ou que saem de Valência, na qual responderam que sempre foram boas ou pela indiferença. A opção nunca foram boas também ficou com 0%. Dos que responderam que no passado era melhor (10), todos são acima de 60 anos, o que pode representar que viveram distintas épocas e podem comparar ou a pode ser a romantização do passado como algo inatingível.

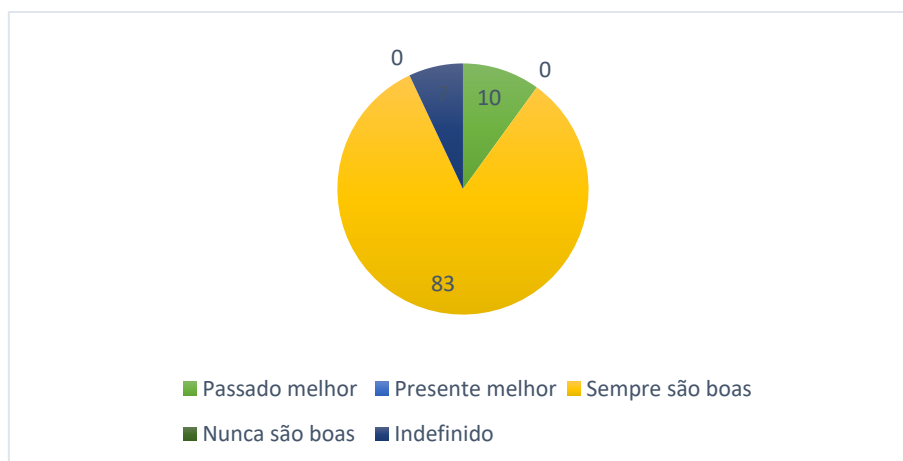


Figura 33: Qualidade da festa passado e presente

Fonte: Elaboração própria

A cidade de Valência durante a semana fallera fica um caos, há filas em todos os estabelecimentos, trânsito, transportes públicos lotados, os preços inflacionam, não há sequer um minuto de silêncio devido as inúmeras bombas lançadas desde cedo e não é

incomum haver confusões tardes da noite por conta de alguém que ultrapassou os limites nas bebidas alcoólicas. Por esse motivo, foi disponibilizado na questão 9 essas opções para o que seria o maior ponto negativo da festa com o acréscimo de outros e não há ponto negativo.

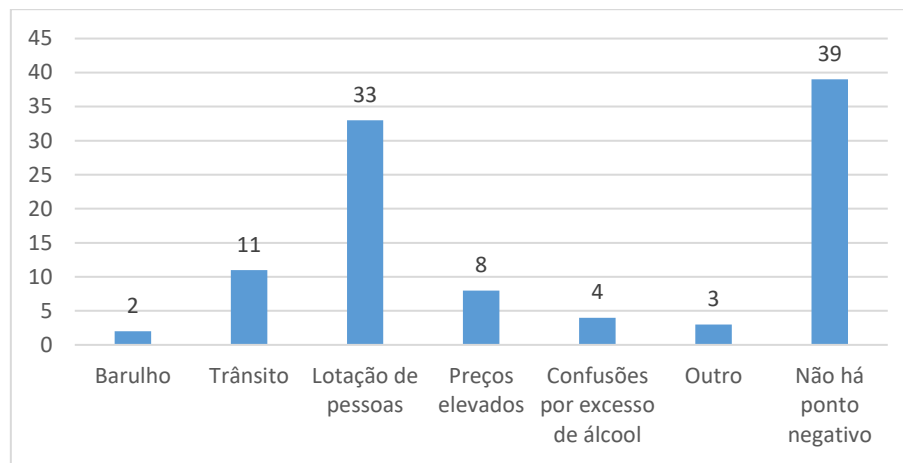


Figura 34: Ponto negativo da festa

Fonte: Elaboração própria

As Fallas é uma festa que representa o ser valenciano, por essa razão já era de se esperar que a maior parte dos valencianos respondessem que não há pontos negativos na festa (39%). No entanto o alto valor na opção lotação de pessoas (33%) chama atenção. Mesmo as Fallas acontecendo em todo território valenciano, há uma forte concentração de turistas e visitantes no centro histórico, fazendo muitas vezes com que valencianos nem pensem em frequentar o centro nesse período. Outro dado importante são os 2% de pessoas que escolheram o barulho. A festa em nenhum momento descansa, há barulho e cheiro de pólvora praticamente durante todo o dia. O fato de apenas 2 pessoas, que no caso possuem a idade acima de 60, responderem que o maior ponto negativo é o barulho reforça a famosa frase de que no sangue valenciano não passa apenas sangue, passa sangue, pólvora e orchata.

As Fallas são a todo momento tratadas como uma festa feita pelo povo valenciano, no entanto aberta para o mundo. Por essa razão, gostaria de saber se na cabeça do valenciano ocorre de verdade essa hospitalidade. A questão 10, é se os valencianos gostam que venham pessoas de fora de Valência para a festa, e apesar de muitos reclamarem da quantidade de pessoas presentes na festa na questão anterior, ampla maioria dos entrevistados mostrou que sim, gostam que venham pessoas de fora, com

95% de aprovação. Apenas 5% mostraram indiferença e 0 disseram não gostar da presença de visitantes de fora da cidade na festa.

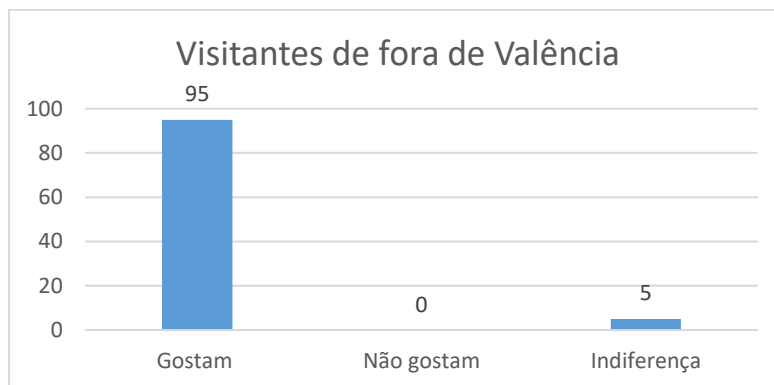


Figura 35: Receptividade a visitantes

Fonte: Elaboração própria

O formulário 2 é composto por 7 questões, sendo 5 de múltipla escolha e 2 discursivas. Foi realizado durante 10 dias, entre o dia 10 e 19 de março de 2019. Da mesma forma que o formulário 1, aqui houve uma preocupação para deixá-lo breve, podendo ser respondido rapidamente. Os turistas e excursionistas foram mais receptivos ao preenchimento do formulário, que possuía opção em inglês e espanhol.

Analisando as questões 1 e 2, sobre gênero e idade, foi realizado um gráfico que cruza as duas informações, para definir um perfil básico dos turistas que responderam o formulário, como nos mostra o quadro:

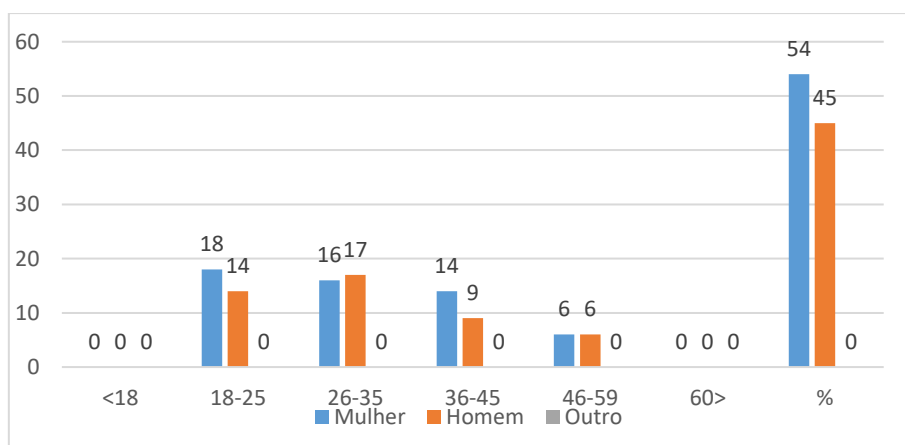


Figura 36: Relação gênero idade turistas

Fonte: Elaboração própria

Ao observar o gráfico, é possível perceber que a maior parte dos turistas e excursionistas que responderam o formulário foram mulheres (54%) com a idade entre 18 e 45 anos. Da mesma forma que o anterior, houve a preocupação de manter equilibrado a questão de gênero.

A terceira questão foi a respeito da nacionalidade. Dos 100 entrevistados, a maior parte (72%) são espanhóis de cidades fora de Valência, predominando Madrid e Barcelona, deixando em evidência a força turística interna que a festa possui e a sua consolidação no país. A segunda nacionalidade mais presente nos formulários foi a italiana (11%), seguida pela holandesa (7%), inglesa (4%), alemã (4%), brasileira (2%), japonesa (2%) e estadunidense (2%).

No ano de 2019, os dias 16 e 17 de março caíram em um final de semana. A semana fallera ocorre do dia 15 ao 19, tendo no dia 16 atos relevantes como Mascletà e Plantà e no dia 17 a Oferenda de flores, a Mascletà e as fallas artísticas já plantadas. Por esse motivo, é possível que tenha sido uma das Fallas com mais visitantes dos últimos anos. Ao analisar a questão 4, sobre o tempo de permanência do turista na cidade de Valência, é possível perceber que a opção 2 dias é a mais elevada (57%), evidenciando que muitos turistas optaram por passar apenas o final de semana na cidade. Dos 14% que ficaram apenas 1 dia, 100% são espanhóis e provavelmente moradores de cidades próximas.

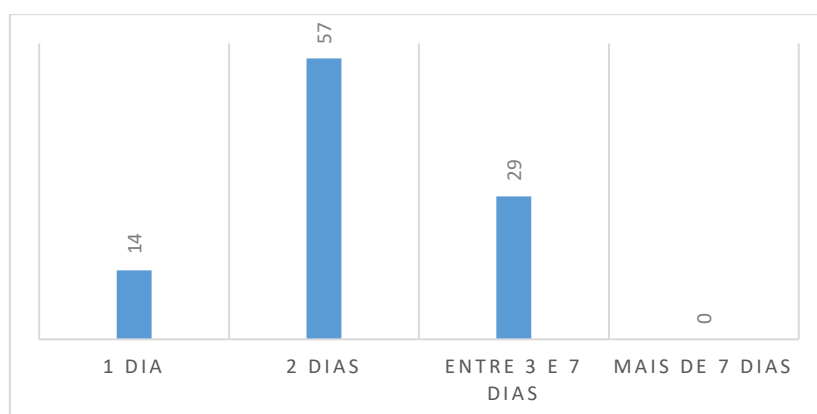


Figura 37: Tempo de permanência

Fonte: Elaboração própria

A questão 5 foi a mesma utilizada na questão 7 do formulário para valencianos, o porquê de queimarem as fallas no dia da Cremà. A Cremà é o ato que intriga os turistas,

que vão para a festa muitas vezes com o intuito de ver no final aqueles grandes monumentos sendo tomado pelas chamas. Ao contrário da Mascletà, que a maior parte dos turistas não sabem a princípio do que se trata e acabam se assustando no momento, a queima dos monumentos é algo que quase todos que vão para a festa está ciente. No entanto gostaria de saber se eles sabiam o motivo e deixei a pergunta para ser respondida discursivamente. A partir das respostas obtidas, organizei 5 grupos com respostas similares. As respostas que mais se sobressaíram ficaram no grupo 1, que é o de quem não faz ideia do motivo com 38%. O grupo 2, acreditam ser parte da tradição local é o seguinte com 36%. O próximo grupo, com 16% creem que é para chamar atenção do público para a festa. O quarto grupo acredita que é por razões místicas, com 11% e por fim o grupo que pensa que é para renovação de ciclos, com 9%.

A questão 6 aborda o ato preferencial dos turistas nas Fallas, aqueles que eles acham ser o melhor. Para facilitar essa pergunta, foi disponibilizado na folha do formulário uma imagem representando cada ato. Abaixo é possível perceber que a Cremà é o ato mais popular para os turistas com 66%. É o grande chamariz das Fallas e o que chama a atenção do público que não é valenciano para vir vivenciar a festa e a partir de aí conhecer os outros atos. A Plantà foi o segundo com 18%, seguido da Nit del Foc com 6%, Mascletà com 5% e Oferenda de flores com 5%. Crida e Cabalgatas não foram preferidas, com 0% cada.

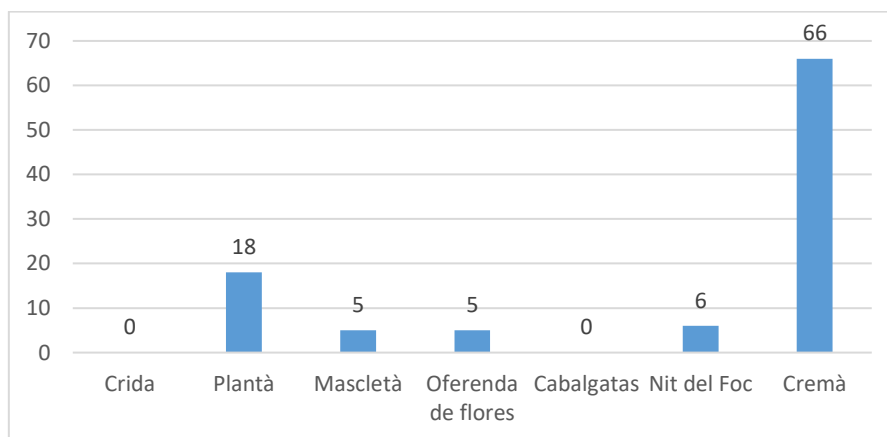


Figura 38: Preferência de atos para os turistas

Fonte: Elaboração própria

A última questão foi a respeito da experiência que o turista estava tendo nas Fallas, se estava sendo positiva ou negativa. Dos 100 turistas que responderam o formulário, apenas uma pessoa disse que estava tendo uma experiência negativa. Ao perceber a resposta dessa pessoa, perguntei o porquê e a mesma, uma italiana, me respondeu que a

cidade estava muito cheia e que os serviços não estavam conseguindo lidar com a quantidade de pessoas, realizando maus atendimentos e comidas caras e ruins.

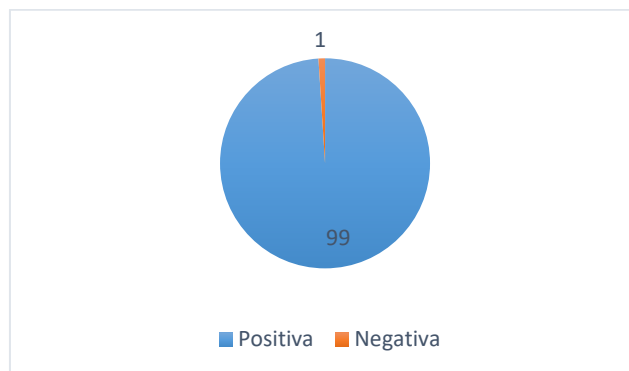


Figura 39: Experiência dos turistas na festa

Fonte: Elaboração própria

CONCLUSÕES

Interpretar um fenômeno tão complexo como as Fallas, sendo um estrangeiro, é assumir um risco de equivocar-se. Não se pretende aqui, com poucas palavras, dar uma verdade absoluta sobre o ritual festivo, e sim expor uma maneira de entendê-la desde a proximidade da vivência. Uma festa que conta com inúmeras pessoas, de todas as classes sociais, que envolve arte, pólvora, cor, luz, fogo, se pode interpretar de muitas maneiras. Este trabalho propôs analisar e entender as Fallas, compreendendo seus principais elementos e a sua importância para a cidade de Valência.

Para atingir os objetivos propostos, no primeiro capítulo partimos da análise dos conceitos de cultura e cultura popular, primordiais a este estudo, e também buscamos compreender conceitos e aspectos das festas populares.

No segundo capítulo, foi exposto, com base no referencial teórico, a espacialidade da festa, no caso a cidade de Valência, uma breve história sobre a mesma e sobre a história das Fallas, passando sobre sua origem, ainda bastante indefinida, especificando diferentes ritos do fogo e traçando a sua trajetória, desde 1850 até os dias atuais, abordando momentos importantes que moldaram as Fallas como conhecemos hoje.

No terceiro capítulo foi exposto o trabalho de campo do autor, com observações e explicações sobre os principais atos das Fallas, ampliadas por conversas informais com valencianos, falleros ou não, que estavam presentes no momento. É trabalhado também a questão da sociabilidade na festa, traço marcante das Fallas e sua relação com as comissões falleras, essas que organizam e celebram de maneira intensa a festividade. Por fim, é analisado os formulários realizados com valencianos e turistas para entender sobre o que pensam sobre determinados assuntos da festa.

Baseando-se no objetivo do trabalho que é analisar e entender as Fallas, compreendendo seus principais elementos e a sua importância para a cidade de Valência, a partir das três formas de pesquisa (bibliográfica, campo e formulários) foi elaborado cinco pilares: a) Traz aos valencianos um orgulho e entendimento de uma identidade coletiva a partir de símbolos identitários, b) Perpetua esses símbolos e atividades através da participação infantil, c) Colabora com a sociabilidade e união valenciana, d) Contribui

no aspecto econômico e turístico e e) Consegue fazer a mediação entre tradição e inovação, passado e presente.

a) Orgulho e Identidade coletiva.

A festa Fallas é motivo de orgulho para os valencianos. Um dos motivos é a sua internalização na sociedade valenciana como parte de sua identidade, sendo reconhecido como uma marca registrada de Valência e da Comunidade Valenciana em geral. A festa é a de maior relevância na cidade e mesmo não penetrando em todos os aspectos da cultura valenciana, as Fallas se propõe a utilizar símbolos identitários da comunidade, como a bandeira e o hino, reforçando o laço identitário da festa com o ser valenciano. O fallero, muitas vezes, é associado ao típico valenciano, logo as Fallas significam muito mais do que um acontecimento lúdico, é uma festa que celebra a própria identidade local.

Na maioria dos atos é possível perceber essa questão, seja nas vestimentas tradicionais, nas músicas antes durante e após os atos, na adoração a símbolos, como a Virgem dos Desamparados, mas o que mais me chamou a atenção nesse aspecto identitário foi a Mascletà. Durante o ato é evidente o orgulho dos valencianos presentes, a euforia em que aplaudem, o brilho nos olhos. É olhar para o lado, ver outro valenciano e se reconhecer. A emoção inicia com a icônica frase da Fallera Mayor ‘*Senyor pirotècnic, pot començar la mascletà*’ e termina com todos cantando *Valencia em Falles* no meio da praça, se abraçando, após o último estouro. A Oferenda de Flores, outro festejo que transborda identidade coletiva, é algo mais evidente, todos das comissões estão ali, emocionados, desfilando com seus trajes tradicionais, com músicas tradicionais, levando um ramo de flor a Virgem, padroeira e símbolo de Valência.

A partir do formulário foi possível reforçar essa questão de sentimento de pertença do valenciano com a festa, no qual 60% dos entrevistados responderam que acreditam que as Fallas são genuinamente uma representação da cultura valenciana. A partir de conversas com valencianos, é possível perceber que a festa é algo sagrado e intocável e mesmo o que não gostam da festa, dizem que somente um valenciano pode falar mal das Fallas.

b) Perpetuação da tradição

As Fallas é uma festa com muita participação infantil. Mesmo que de uma forma coadjuvante, existe a comissão infantil, com sua própria falla, membros e premiação. Durante os atos é impressionante a quantidade de crianças presentes e orgulhosos da posição que estão ocupando. Durante os dias festivos, é assegurado por lei um horário para soltar bombas nas calçadas e ruas da cidade. Diferente de outras localidades onde os pais não deixam os filhos mexerem com explosivos, em Valência, é ao contrário, eles os influenciam, no entanto, para ocorrer de maneira exitosa, eles também os ensinam. É bastante comum caminhar na cidade durante os dias de festa e encontrar, principalmente perto de *casales*, em praças ou parques um adulto soltando bombas com uma criança. Na escola, como trabalho, quando se aproxima a festa, as crianças precisam criar *ninots* para a falla da escola. Essa ação acaba por envolver os responsáveis da criança ocasionando em um momento de sociabilidade familiar.

A forte presença e participação infantil nas Fallas, tanto nos atos oficiais quanto nas ruas, garante a transmissão por gerações de todos os valores, práticas e rituais presentes na festa fazendo com que a tradição e memória se mantenham sempre forte e presente na vida dos valencianos.

c) Sociabilidade

Ocorre de muitas maneiras, no entanto a mais perceptível é na questão das comissões falleras. É impressionante o grau de organização da vizinhança para posteriormente participar e vivenciar coletivamente a festividade. Em Valência, em cada bairro existem cerca de 4 comissões falleras, na qual a partir de inúmeros mecanismos, se sustentam e constroem as fallas nos seus respectivos bairros. As comissões são o “motor” da festa e sem elas as Fallas não existiriam da maneira que existe. Durante todo o ano elas organizam atividades variadas, que intensificam as relações humanas e contribui com a sociabilidade, como teatros, bailes, competições, reuniões mensais, jantares, almoços, exaltação das suas *falleras mayores*, festas infantis, edições do *llibret* loterias e visitas a oficina dos artistas falleros, assim como atividades culturais e solidárias.

A partir dessa união, que cresce de comissão em comissão, de bairro em bairro, a cidade de Valência acaba se tornando mais unida e lutam em conjunto em prol de um objetivo em comum.

d) Aspecto econômico e turístico.

As Fallas influenciam o turismo de Valência no mês de março. Mesmo tida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e Festa de Interesse Turístico Internacional, a festa atualmente chama mais atenção do turista interno, ou seja, espanhóis que não residem em Valência. Nos formulários realizados com turistas, 72% eram espanhóis, principalmente provenientes de cidades como Madrid e Barcelona. A festa recebe uma quantidade considerável de estrangeiros, porém, atualmente eles são mais presentes no turismo de sol e praia durante o verão, sendo assim um mercado em potencial a ser explorado pelo departamento de turismo de Valência. Segundo um estudo realizado e publicado pela Universidade de Alicante, a cidade recebeu entre os dias 15 e 19 do ano de 2017, o total de 865.950 visitantes vindos de fora de Valência (Marco et al. 2018, p.58) e 2.007.393 visitantes no total segundo o Instituto Nacional de Estatística.

As cifras da festa também impressionam. De acordo com os resultados apresentados pela *Intergrupación de Fallas* no ano de 2008, último ano a ser publicado, elas alcançaram 753 milhões de euros anuais. Em 11 anos as Fallas cresceram ainda mais, o que é possível imaginar que esses números estejam muito maiores atualmente. A cidade se enche nos dias festivos e todos os estabelecimentos ficam lotados, fazendo com que tanto diretamente quanto indiretamente milhares de valencianos sejam influenciados positivamente na parte econômica pelas Fallas.

e) Tradição e Inovação

As Fallas possuem um padrão, são acontecimentos sociais e culturais, apresentam uma estrutura consolidada e que é repetida durante os anos, no entanto, é aberta a incorporação de novos atos, símbolos e atividades, como é o caso recente das batucadas e hino da Oferenda de Flores a Virgem dos Desamparados, demonstrando sua capacidade de manter em equilíbrio a balança da tradição e inovação. Dessa maneira, a festa não fica obsoleta, está sempre em transformação. Utiliza novas técnicas, como é o caso do

mapping na Crida e novos tipos de bombas, como é o caso da Mascletà. Segundo Caponero (2009) as “festas mantêm-se pela tradicionalidade e não pela sobrevivência do passado”. E essa relação entre passado e presente, tradição e inovação, é algo que as Fallas conseguem lidar muito bem, facilitando sua continuidade e nunca se tornando ultrapassada.

É possível concluir após reunir as três formas de pesquisa e a análise desses cinco elementos, que as Fallas atualmente é uma festa que busca englobar diversos aspectos da identidade valenciana. É um expressivo meio de comunicação, salvaguardando as práticas tradicionais e as origens culturais valencianas, mas sempre inovando e se diferenciando. Diferente do passado onde o culto ao dia de São José era o objetivo principal da festividade, hoje o importante, ou melhor, o mais importante é cultuar as tradições valencianas, como as vestimentas, a literatura, a língua, a gastronomia, a música, a paixão pelo fogo e pirotecnia, os mais belos e estéticos monumentos artísticos e servir como uma representação de uma identidade coletiva valenciana. Dessa forma as Fallas servem como uma reprodutora da identidade coletiva local, quase como uma religião para os valencianos. Este trabalho procurou evidenciar essa importância das Fallas para a cidade de Valência como um significativo recurso cultural, que é enquadrado como patrimônio imaterial relevante para a memória e identidade valenciana, e que deve ser salvaguardado mantendo em equilíbrio a balança entre tradição e inovação.

‘visca València...i visquen les Falles’

REFERÊNCIAS

- Academia Valenciana de la lengua. Disponível em: <http://www.avl.gva.es>
- Alcañiz, J. (1990) Las Fallas de la democracia. Em Ariño, *Histórias de las fallas*. Valência: Editorial Levante – EMV.
- Antunes, M. (2007). História da Cultura, vol. IV, in *Obra completa do Padre Manuel Antunes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Ariño, A. (1990). *Historia de las Fallas*. Valência: Editorial Levante – EMV
- Ariño, A. (1992). *La ciudad ritual. La fiesta de las Fallas*. Barcelona: Anthropos.
- Assis, C. (2008). Cultura Popular: O ser, o saber e o fazer do povo. *Estudos contemporâneos de cultura*. Campina Grande: UEPB/UFRN
- Belda, Enrique (2017). *Fallas de Valencia: la riqueza de un fenómeno de comunicación popular y participativa*. Tese doutoral. Universidade CEU Cardenal Herrera. Valencia.
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro. Zahar.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Burke, P. (2014). *La cultura popular en la europa moderna*. Madrid. Alianza.
- Brandão, J. Identidade. In: Rezende, M.; Grieco, B.; Teixeira, L.; Thompson, A. (2015). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc.
- Caponero, C. (2009). *Festejando São Benedito: A Congada em Ilhabela, Recurso cultural Brasileiro*. Dissertação de mestrado em Estética e História da Arte, Programa Interunidades / MAC da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Caponero, C. Leite, E. (2010). Inter relação entre Festas Populares, Políticas Públicas, Patrimônio Imaterial e Turismo. *Patrimônio: Lazer e Turismo*. Rio de Janeiro.
- Casanova, E. (1990) Evolución de la palabra falla. Em Ariño, *Histórias de las fallas*. Valência: Editorial Levante – EMV.

- Cascudo, L. (1973). *Civilização e Cultura: Pesquisas e notas de etnografia geral*. Rio de Janeiro: José Olympo; Brasília: INL.
- Cavalcanti, M. (2008). Entendendo o folclore. Cultura e Saber do povo: uma perspectiva antropológica. In *Revista Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*. Brasília.
- Costa, M. Cultura Popular. In: Rezende, M.; Grieco, B.; Teixeira, L.; Thompson, A. (2015). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc.
- Costa, X. (2003). *Sociabilidad y esfera pública em la fiesta de las Fallas de Valencia*. Valência: Biblioteca valenciana.
- Del Priore, M. (2000). *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense.
- Fallas. Disponível em: www.fallas.com
- Ferreira, M. (2006). Comunicação, Resistência e Cidadania: as festas populares. *Comunicação e Política*, v.24. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CEBELA.
- Geertz, C. (1978). Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. En: C. Geertz (Ed.). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gonçalves, A. (2010). Sobre o conceito de cultura na Antropologia. *Caderno de Estudos Sociais* v.25. Recife.
- Guinot, E. (2009). La construccion de una ciudad feudal. *La ciudad de Valencia*. Universitat de Valencia. Valencia.
- Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Ed.7 Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hernandez Martí, G. (1990) Las fallas del desarrollo. Em Ariño, *Histórias de las fallas*. Valência: Editorial Levante – EMV.
- IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). (1989). *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura popular*. Conferência Geral da Unesco. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>
- Ikeda, A. Pelegrini, A. (2004). Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano. In *Terra Paulista: História, arte e costumes*: São Paulo, Imprensa oficial.

- Intergrupacion de Fallas de Valencia. (2008). *Estudio del impacto económico y social de las Fallas em la ciudad de Valencia*. Valencia: Intergrupacion.
- Jesus, R. (2010). *Tradição e Tradução: Identidade, Cultura, Memória*. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Bahia.
- Kroeber, A.L. and Kluckhohn, C. (1952) *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Peabody Museum. Cambridge, MA, 181.
- Lanternari, V. (1989). *Festa, carisma, apocalipse*. Palermo: Sellerio.
- Laraia, R. (1986). *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lobato, M. (2017). *Língua, Cultura e Identidade: O discurso romântico-linguístico dos irmãos Grimm*. *Anais do VII Seminário dos alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF – Estudos de Linguagem*. Rio de Janeiro.
- Malinowski, B. (1970). *Uma teoria científica da cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar
- Meneses, U. (2002). *Identidade cultural e arqueologia. Valorização do Patrimônio arqueológico brasileiro*. Bibliografia. In Bosi, A. *Cultura Brasileira Temas e Situações*. 4.ed. São Paulo: Editora Ática.
- Prefeitura de Valência. Disponível em: www.valencia.es
- Regulamento Fallero. (2002). Publicação em BOP: 08.06.2002
- Salvador, J. (2009). *La última ciudad romana*. *La ciudad de Valencia*. Universitat de Valencia. Valencia.
- Saraiva, G. (1968). *Manual do tradicionalista: orientação geral para tradicionalistas e centros de tradições gaúchas v.9*. Porto Alegre: Sulina.
- Saz, I. (2009). *La ditadura franquista*. *La ciudad de Valencia*. Universitat de Valencia. Valencia.
- Silva, E. (2008). *Cultura e Saber do povo: uma perspectiva antropológica*. In *Revista Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*. Brasília.
- Soler y Godes, E. (1990) *Teorías sobre el origen de las Fallas*. Em Ariño, *Histórias de las fallas*. Valência: Editorial Levante – EMV.

Torró, J. (2009). *Maldina Balansiya. La ciudad de Valencia*. Universitat de Valencia. Valencia.

Tylor, E. (1871). *Primitive Culture*. Londres.

Unesco. Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: www.unesco.org

Vannucchi, A. (1999) *Cultura brasileira: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.

Visit Valencia. Disponível em: www.visitvalencia.com